



## Um estigma entre nós

EDUCAÇÃO É CAMINHO PARA  
SUPERAR BULLYING E CYBERBULLYING

### HISTÓRIA

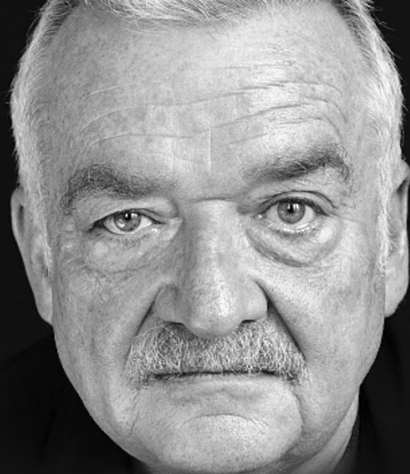
COLEÇÃO CLIPPING DA EDITORA ABRIL

### MEDICINA

NOVAS REGRAS INCENTIVAM PARTO NORMAL

### ECONOMIA

UMA EXPLICAÇÃO ESTRUTURAL DOS  
IMPASSES BRASILEIROS ATUAIS



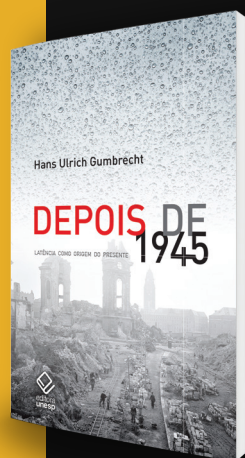
*"Sou um professor de Literatura estranho. Gosto muito de Literatura, mas fico muito mais fascinado com História e Filosofia."* **Gumbrecht**

Conheça do mesmo autor

**Depois de 1945**  
**Latência como**  
**origem do presente**

Gumbrecht refuta a disseminada crença de que a humanidade nada aprendeu com o Holocausto e de que o mundo apenas repaginou o drama humano enquanto continuou legitimando flagelos, violência, opressão, massacres. Transitando em sentido contrário, lança conjecturas de longo alcance que evidenciam a pujança criativa e a originalidade dos caminhos no pós-guerra.

**357 páginas | R\$ 48**



**editora**  
**unesp**

*Produzir conteúdo,  
Compartilhar conhecimento.*  
Editora Unesp, desde 1987  
[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

# NOSSO AMPLO PRESENTE

Hans Ulrich Gumbrecht



Um dos maiores intelectuais da atualidade analisa o processo pelo qual a "visão de mundo histórica" vem sendo confrontada e parcialmente substituída desde meados do século 20. Para Gumbrecht, compreender a realidade da nova constituição do tempo, em que o presente abarca o passado e, ainda, um futuro percebido como ameaçador, pode se refletir em melhores condições de vida, individual e coletivamente.

**160 páginas | R\$ 38**





Governador  
Geraldo Alckmin

Secretaria de Desenvolvimento  
Econômico, Ciência, Tecnologia  
e Inovação

Márcio França



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor

Julio Cezar Durigan

Vice-reitora

Marilza Vieira Cunha Rudge

Pró-reitor de Administração

Carlos Antonio Gamero

Pró-reitor de Pós-Graduação

Eduardo Kokubun

Pró-reitor de Graduação

Laurence Duarte Colvara

Pró-reitora de Extensão Universitária

Mariângela Spotti Lopes Fujita

Pró-reitora de Pesquisa

Maria José Soares Mendes Giannini

Secretária-geral

Maria Dalva Silva Pagotto

Chefe de Gabinete

Roberval Daiton Vieira

Assessor-chefe da Assessoria de

Comunicação e Imprensa

Oscar D'Ambrosio



Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-presidente

Jézio Hernani Bomfim Gutierrez

Editor-executivo

Túlio Kawata

Superintendente administrativo e financeiro

William de Souza Agostinho



unespciência

Diretor de redação Oscar D'Ambrosio

Arte Hankó Design (Ricardo Miura)

Assistente de arte Andréa Cardoso

Colaboradores Altino Correia, Ana Elisa Jardim Gouvêa,

Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger,

Eduardo Strachman, Hiran Pinel, Joelma de Sales dos Santos,

Luciene Regina Paulino Tognetta, Marcelo Augusto Totti,

Ney Lemke, Oscar D'Ambrosio, Rafael Petta Daud,

Sérgio Pereira dos Santos, Sílvia Marina Anaruma,

Vanderlan da S. Bolzani (texto); Daniel Patire (foto)

Revisão Maria Luiza Simões

Projeto gráfico Hankó Design (Ricardo Miura)

Produção Mara Regina Marcato

Apoio de internet Marcelo Carneiro da Silva

Apoio administrativo Thiago Henrique Lúcio

Endereço Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, CEP

01049-010, São Paulo, SP. Tel. (11) 5627-0327.

www.unespciencia.com.br

revistaunespciencia@reitoria.unesp.br

Impressão Coan Gráfica

Tiragem 6 mil exemplares

É autorizada a reprodução total ou parcial de textos e imagens desde que citada a fonte. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da Universidade.

# Educação para superar a violência

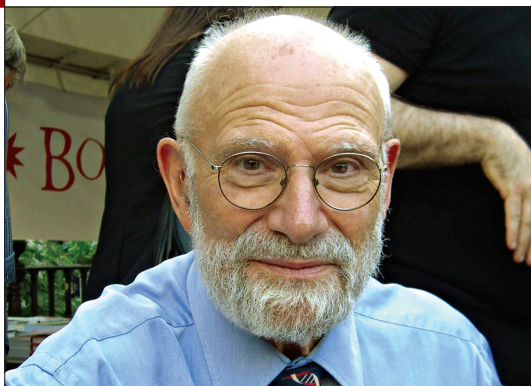
A Carta Aberta do VIII Encontro de Direitos Humanos da Unesp “Universidade, violências e direitos humanos”, em Bauru, datada de 12 de agosto de 2015, que pode ser acessada em <http://migre.me/rNNJV>, traz importantes contribuições para o conjunto de iniciativas, já em curso na Unesp, para enfrentar diversos tipos de violências e violações dos direitos humanos que envolve os três segmentos da comunidade acadêmica: funcionários, alunos e professores.

A revista **unespciência** deste mês se insere no debate com o texto de capa “Um estigma entre nós”, que enfoca bullying e cyberbullying. O artigo conclui que “a educação, seja ela em que nível for, é um importante caminho para a superação dos casos de bullying e cyberbullying, mas, mais do que isso, é caminho para uma humanidade mais humana”.

A edição traz ainda homenagem ao neurocientista Oliver Sacks e ao intelectual Florestan Fernandes, discute a produção intelectual nas universidades públicas paulistas, traz artigos sobre a questão racial brasileira e aponta caminhos da administração pública nacional.

As relações entre a criança, o adolescente e o trabalho, uma explicação econômica estrutural dos impasses atuais, as novas regras que incentivam o parto normal, uma exposição de estudantes do Instituto de Artes, as trajetórias de vida de adolescentes com envolvimento no tráfico, um festival de pipas que reuniu 6 mil participantes em Presidente Prudente, a Coleção Clipping da Editora Abril, um livro sobre a instabilidade mundial, a retrospectiva do professor Percival Tirapeli em São Paulo, SP, e uma reflexão sobre a inovação na Universidade completam a edição.

Fazemos, assim, nesse ritmo acadêmico, nossas as palavras da Carta Aberta de Bauru: “Acreditamos que a Educação em Direitos Humanos, na formação universitária, contribui para o desenvolvimento de uma cultura de respeito à dignidade humana, de convivência na diversidade e de solidariedade. Tal cultura poderá transformar-se em compromisso pessoal e profissional por mudanças sociais para um Brasil mais justo e diverso”.



6

## HOMENAGEM

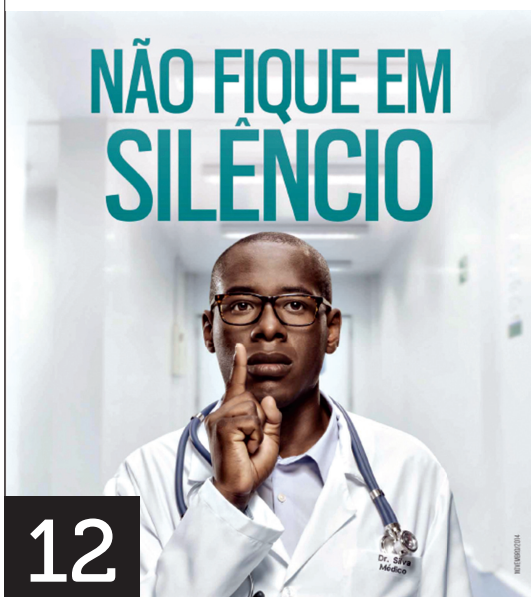
Oliver Sacks, o explorador  
NEY LEMKE



10

## UNIVERSIDADE

Ciência de qualidade  
DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA HUNGER e  
OSCAR D'AMBROSIO



12

## DOSSIÊ AFRODESCENDENTES

O medo da igualdade racial e o  
usufruto coletivo da justiça  
SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS e HIRAN PINEL  
Rap: a diáspora negra do asfalto  
JOELMA DE SALES DOS SANTOS

18

## COMPORTAMENTO

Um estigma entre nós  
RAFAEL PETTA DAUD  
e LUCIENE REGINA  
PAULINO TOGNETTA



8

## MEMÓRIA

20 anos sem Florestan Fernandes  
MARCELO AUGUSTO TOTTI

32

## ECONOMIA

Uma explicação  
estrutural  
dos impasses  
brasileiros atuais  
EDUARDO  
STRACHMAN







24

## DOSSIÊ ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

O exercício profissional dos egressos dos cursos de públicas

VALDEMIR PIRES

Uma nova administração pública no Brasil

VALDEMIR PIRES, FELIPE DRUMMOND, VITOR CÂNDIDO e EMANUELE GLAESER



29

## PSICOLOGIA

A criança, o adolescente e o trabalho

NELSON PEDRO-SILVA



38

## PESQUISA

Trajetória de vida de adolescentes com envolvimento no tráfico

## SEMDIPLOMACIA

UM MUNDO DE EQUILÍBRIOS PRECÁRIOS

organizado por Leonardo Spiller



46

## LEITURA

Livro aborda instabilidade mundial

LUIS FERNANDO AYERBE



36

## ARTE E CULTURA

Exposição de estudantes do Instituto de Artes

DANIEL PATIRE



34

## MEDICINA

Novas regras incentivam parto normal

ANA ELISA JARDIM GOUVÊIA e SILVIA MARINA ANARUMA



40

## LAZER

Festival de Pipas reúne mais de 6 mil participantes

ALTINO CORREIA



42

## HISTÓRIA

A representação do crime coletivo na imprensa

OSCAR D'AMBROSIO



48

## FOTO DO MÊS

Percival Tirapeli em retrospectiva

DANIEL PATIRE



50

## OPINIÃO

A inovação na Universidade

VANDERLAN DA S. BOLZANI



# Oliver Sacks, o explorador

TEXTO PRESTA  
TRIBUTAO  
NEUROCIENTISTA  
FALECIDO EM 30  
DE AGOSTO



Ney Lemke é professor do Departamento de Física e Biofísica do Instituto de Biociências da Unesp em Botucatu.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 31 de agosto de 2015.

Oliver Sacks investigou a mente humana usando uma perspectiva única que, muito mais do que científica, era ao mesmo tempo racional e profundamente humana. Não se debruçava sobre experimentos sofisticados ou mesmo introduziu testes clínicos baseados no último avanço tecnológico, nem seguiu nenhuma escola psicanalítica. Seus insights provinham de sua capacidade fina de observação e de estabelecer relações entre as patologias e a fisiologia cerebral.

O seu clássico *O homem que confundiu sua mulher com o chapéu* discutia como danos em determinadas regiões do cérebro induziam comportamentos estranhos mas que revelavam como o cérebro normal funciona. Essa abordagem teve precursores; Alexander Luria, por exemplo, investigou na URSS da Segunda Guerra Mundial como as balas alojadas no cérebro implicavam em perdas de funcionalidades cognitivas. O trabalho de Sacks se inseriu em um contexto cultural que permitiu estabelecer que mesmo a mais mundana das atividades humanas dependia do funcionamento orquestrado de uma miríade de subsistemas interagentes.

Os resultados desse programa de pesquisa



frutificaram em diversas áreas: neurociências, educação, aprendizado de máquina e robótica. E colaboraram para mostrar que os avanços em neurociências poderiam ter aplicações práticas, não apenas em Medicina, mas em basicamente qualquer área que envolvesse seres humanos ou inteligência.

Sua vida, ilustrada em filmes como *Tempo de Despertar* (inspirado em seu livro homônimo) e em livros como *Tio Tungstênio*, revelava uma personalidade rica que explorou de forma compulsiva toda a gama de possibilidades sensoriais que a consciência humana pode oferecer. Revelou no livro *Hallucinations* ter consumido todo o tipo de drogas recreativas para poder vivenciar tudo que era possível ser experimentado. Nesse aspecto, mais do que um mero pesquisador, ele era também um desbravador e simultaneamente possuía uma erudição que lhe permitia falar com segurança não apenas



© Luigi Neri/Wikimedia Commons

**Neurologista e escritor  
Oliver Sacks no  
Brooklyn Book Festival  
de 2009**

de Neurologia, mas de Literatura e Filosofia.

Nesse aspecto sua trajetória segue a tradição intelectual de outros naturalistas, como Charles Darwin e Stephen Jay Gould. Quando anunciou que estava morrendo, demonstrou um sentimento de certa ambivalência, por um lado sabia que o show estava acabando, mas por outro lado demonstrava que iria seguir fazendo o que lhe agradava: escrever, ler, viajar e conversar com os amigos. Mas imagino que ele deva ter enfrentado essa batalha derradeira com a sua costureira meticulosa curiosidade.

Sua morte não poderia ser mais emblemática para alguém que escreveu *A ilha dos daltônicos*: foi causada pela metástase de um melanoma ocular que se espalhou pelo corpo e, como ele mesmo relata, uma infeliz coincidência, pois tanto os melanomas oculares são raros como os tumores metastáticos desse tipo são ainda mais incomuns. Assim, do início ao fim teve

uma trajetória peculiar, seja pelos temas incomuns a que se dedicou, seja pela sua rara capacidade de narrar casos clínicos com uma escrita objetiva e que mesmo assim transbordava compaixão. No texto em que ele conta

**SUA VIDA, ILUSTRADA EM FILMES COMO TEMPO DE DESPERTAR (INSPIRADO EM SEU LIVRO HOMÔNIMO) E EM LIVROS COMO TIO TUNGSTÊNIO, REVELAVA UMA PERSONALIDADE RICA**

ao mundo que o fim se aproxima, adverte que ninguém é insubstituível. Mas figuras como ele são expoentes de tradições intelectuais e nesse caso é inevitável nos questionarmos se essa tradição não está com seus dias contados, pois infelizmente as peças de reposição não possuem a mesma envergadura intelectual. **uc**





## 20 anos sem Florestan Fernandes

### A GRANDEZA DE UM LEGADO

A tualmente, a Universidade brasileira investe todas as fichas na internacionalização, na busca de melhores postos nos rankings internacionais, em produção de patentes, inovação, tecnologia. Essa busca incessante tem ocasionado um remodelamento na pesquisa, que se manifesta na diminuição do tempo de titulação de mestrado e doutorado, produção de *papers*, artigos, participação em congressos, uma corrida trespouca que não necessariamente resulta no avanço da ciência e da pesquisa.

Florestan certamente não se encaixaria nos moldes atuais da pesquisa e da pós-graduação. Por sua vez, não há que se negar, Florestan

Fernandes (22/7/1920 – 10/8/1995) foi grande e realizou grandes interpretações da realidade brasileira. Na divisão internacional do trabalho intelectual, a sociologia brasileira nunca ocupou lugar de grande destaque, mas Florestan nunca se contentou em ser mero reprodutor de teorias. Desde seu primeiro trabalho monográfico, ousou, remodelou as teorias sociológicas francesas de seus mestres e demonstrou através de intenso trabalho empírico que o folclore paulistano configurava um novo modelo de socialização e autonomia infantil, inaugurando o que hoje convencionalmente denominamos de uma sociologia da infância.

4 • SEXTA-FEIRA, 11 DE AGOSTO DE 1995

BRASIL

JORNAL DO BRASIL

FLORESTAN FERNANDES ☆ 22/7/1920 † 10/8/1995

# O pai da sociologia brasileira

■ A morte do mestre que Cardoso definiu como "solidário e generoso" pode ter sido causada por uma falha no equipamento de hemodiálise

SÃO PAULO — Seis dias depois de se submeter a uma operação de transplante de fígado, o ex-deputado Florestan Fernandes (PT-SP), 75 anos, morreu ontem, às 23h30, no Hospital das Clínicas, em São Paulo. Considerado o pai da sociologia moderna do Brasil, Florestan foi professor e guru intelectual do presidente Fernando Henrique Cardoso.

O médico Silvano Raia, chefe da equipe que fez o transplante, disse que a morte de Florestan pode ter sido causada por falha no equipamento de hemodiálise. E pediu para que o corpo não fosse cremado ontem, no Crematório de Vila Alpina, e requisiu nova autópsia.

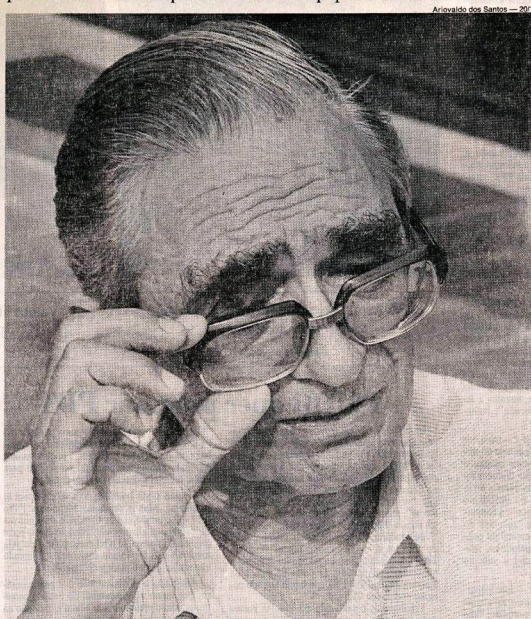
Ontem, o presidente divulgou nota em que afirmou: "Pedi: hoje mais do que um amigo, perdi quem foi o grande incentivador do início de minha carreira universitária e o mestre que tive de Sociologia. O Brasil perdeu um dos maiores intelectuais. Florestan, além disso, era um homem de virtude. Acreditava. E não transigia no que acreditava. Como pessoa, sempre foi solidário e generoso. Por todos esses motivos, a morte de Florestan nos entristece e deixa um enorme vazio."

De madrugada, Florestan começou a apresentar problemas renais, com elevação da taxa de uréia, e foi submetido à hemodiálise. Sofreu duas paradas cardíacas. Na primeira, conseguiram reanimá-lo. Na segunda, não resistiu.

Antes de entrar para a sala de cirurgia, na noite de quinta-feira, o ex-deputado estava tão animado e esperançoso que surpreendeu seu filho, o jornalista Florestan Fernandes Junior. "É a chama do socialismo que está acesa dentro de mim", respondeu o ex-deputado.

Seu corpo foi velado no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, mesmo local onde Cardoso recebeu, há dois anos, o título de professor emérito, o maior da carreira acadêmica. Mais de 500 pessoas compareceram ao velório até as 16h, quando o corpo seguiu para Vila Alpina, onde seria cremado como ele próprio havia pedido.

A antropóloga Ruth Cardoso foi ao velório representando o presidente. Ela destacou a importância do deputado na formação intelectual do casal — os dois foram alunos de Florestan no curso de graduação. Segundo Ruth, o fato de Cardoso ter optado por um caminho político diferenciado da maioria dos seus colegas não



Arquivado dos Santos — 201/87

## TRIBUTOS

**Francisco Weffort, ministro da Cultura** — "Sua importância intelectual para o Brasil é superior a de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque porque ele deixou uma escola, seguidores. A chamada Escola Paulista de Sociologia é, na verdade, ele, essa é sua peculiaridade"

**Ruth Cardoso, primeira-dama** — "Ele foi uma pessoa fundamental na formação intelectual de muitos sociólogos e, um professor de idéias controversas e polêmicas e por isso tinha muita riqueza intelectual"



**Marco Aurélio Garcia, secretário do PT** — "Ele participou do movimento de confluência dos intelectuais em direção à classe trabalhadora, movimento que deu origem ao PT e a uma renovação política, sua importância transcende ao rótulo de um pensador marxista."

**Mário Covas, governador** — "Mesmo nos momentos de maior debate, nunca ouvi dele uma palavra que não fosse doce. Era o ser humano maravilhoso, que só incentivava, até mesmo os opositores"

**Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do PT** — "Acredito que todos os brasileiros que fazem política foram alunos dele. Florestan atingiu um nível intelectual sem perder suas idéias"



**Plínio de Arruda Sampaio, ex-deputado do PT** — "Foi o intelectual que viu com maior lucidez a realidade do país"

**Cristóvam Buarque, governador do Distrito Federal** — "Florestan Fer-

Mas ele foi além. Os estudos sobre os tupinambás são demonstração da audácia, persistência e seriedade com que reconstruiu a realidade social daqueles índios, que desaparecem no final do século XVI. Os estudos sobre a questão racial desmoronaram mitos, a ideia de uma democracia racial a qual Gilberto Freyre e a Unicef compartilhavam; Florestan demonstrou o contrário, inseriu o negro dentro dos parâmetros da sociedade capitalista brasileira e destacou que o preconceito latente, feroz e nefasto que se configura na sociedade brasileira é o de cor.

A educação teve lugar de destaque em seus escritos e militância: "verba para pública para a educação pública" foi o mote da campanha em defesa da educação pública em 1959. A coragem também fazia parte de sua personalidade, e ao se recusar a ser inquirido pelos

agentes da repressão e retornar à Faculdade de Filosofia da USP foi ovacionado com aplausos pelos estudantes. A presença de espírito e a lealdade de princípios foi capaz de unir correntes de esquerda antagônicas, que se digladiavam pela direção do movimento de massas, mas em seu gabinete conviviam sem grandes discórdias, conforme falava Florestan: "debaixo do meu guarda-chuva, cabem todos os radicais".

Florestan, ao contrário do seu grande oponente Guerreiro Ramos, não tinha a pretensão de construir uma sociologia em "mangas de camisa", mas arregaçou as mangas para transformar a sociologia em uma ciência capaz de interpretar, transformar e superar as mazelas sociais brasileiras ocasionadas pelo modo de produção capitalista. Por isso Florestan foi grande e grande é seu legado!



**Marcelo Augusto Totti é professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp em Marília.**

Este artigo foi publicado originalmente no **Estadão Noite** de 10 de agosto de 2015.





© Wikimedia Commons

# Ciência de qualidade

**ARTIGO REFLETE  
SOBRE PRODUÇÃO  
INTELLECTUAL NAS  
UNIVERSIDADES  
PÚBLICAS  
PAULISTAS**

Professora da Universidade de Stanford, Patricia Cross propôs a utilização, no último minuto de uma aula, seminário ou atividade, do que ela chama de *One Minute Paper*. Cada aluno ou participante, antes de sair, deve responder a duas perguntas: Qual foi a coisa mais importante que eu aprendi? e Qual foi a maior dúvida que me ficou?

As respostas, anônimas, são colocadas numa caixa da saída e proporcionam ao professor uma avaliação imediata da qualidade do seu trabalho. Além disso, a ação gera uma participação ativa dos estudantes no sentido de avaliarem constantemente as ações didáticas. A partir dessas respostas, o professor pode iniciar a aula seguinte com um comentário, gerando pontes naturais entre as atividades.

Essa prática, com alto retorno e baixo investimento, pode ser uma chave num mundo globalizado, de convívios sociais complexos,

interdependentes, diversificados e multifacetados, em que a prática profissional se apresenta extremamente competitiva, exigindo cada vez mais do indivíduo conhecimentos diferenciados e aplicabilidade consciente e concreta das ciências e tecnologias.

Nesse contexto, há um certo consenso de que a Educação, desde a Básica até a Superior, é imprescindível para elevar a condição humana no sentido de um viver na perspectiva plena de desenvolvimento integral. Essa convicção leva à formação contínua de grupos de especialistas de nível mais elevado, que criam escolas de múltiplas especializações, aprofundando e ampliando a intelectualidade de cada pessoa e, em consequência, do coletivo social.

Cientistas, portanto, promovem o avanço das ciências/tecnologias e, como intelectuais, diferenciam-se no que diz respeito ao esforço da atividade profissional específica, ou seja, con-



Dagmar Aparecida  
Cynthia França Hunger  
é doutora em Educação  
Física e diretora da  
Faculdade de Ciências  
da Unesp em Bauru.

centram-se mais no esforço cérebro-intelectual do que no esforço muscular-nervoso, gerando novos conhecimentos científico-tecnológicos e/ou propagando as ciências/tecnologias.

No Brasil, significativa parte da produção intelectual científica é desenvolvida nas Universidades Públicas, principalmente nas paulistas, sendo disseminada/aplicada/aprofundada por intelectuais que produzem academicamente, ensinam e/ou pesquisam e/ou atendem a comunidade e/ou estudam nessas e por meio dessas Instituições, consolidando o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão científica.

Parece, portanto, inadmissível não reconhecer, em termos do entendimento da concepção de meritocracia, o trabalho efetivo intelectual, acadêmico e científico dos docentes/pesquisadores/estudiosos que, há anos na Universidade Pública, vêm atuando e produzindo, com de-

dicação exclusiva e integral, em prol de uma sociedade justa, apresentando ou indicando a resolução de problemas das comunidades para um melhor viver social.

As Universidades Públicas, como instituições sociais, nesse aspecto, têm cumprido devidamente com a sua responsabilidade principal, ou seja, formar profissionais éticos, competentes e dignos de uma atuação científico-tecnológica diferenciada.

Perante os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, os intelectuais universitários, ao gerar ciência de reconhecida qualidade e ao rebater o falacioso pretexto da eficácia a qualquer custo, dão passos decisivos para manter a vida cultural e o progresso da ciência do futuro, praticando o espírito do *One Minute Paper* sem perceber, em suas ações cotidianas de ensino, pesquisa e extensão universitária. 



Oscar D'Ambrosio é  
doutor em Educação,  
Arte e História da  
Cultura e assessor-  
-chefe de Comunicação  
e Imprensa da Unesp.

Este artigo  
foi publicado  
originalmente no  
*Estado Noite* de 9 de  
setembro de 2015.





# Questão racial brasileira em foco

TEXTOS TRATAM  
DE RELAÇÕES  
SOCIAIS E DO  
RAP PAULISTANO

O MEDO DA IGUALDADE  
RACIAL E O USUFRUTO  
COLETIVO DA JUSTIÇA

SÉRGIO PEREIRA DOS SANTOS e  
HIRAN PINEL

A questão racial brasileira faz parte intrinsecamente das relações sociais brasileiras, não apenas pelo fato de o Brasil ter vivido a escravidão por quase quatrocentos anos ou por ter sido o último país das Américas a acabar com ela, mas também por manter, após a abolição, rígidas assimetrias ressignificadas entre pessoas de marcas raciais distintas, negras e brancas. Essas desigualdades raciais, há anos denunciadas pelos movimentos negros do País, comprovadas por dados estatísticos do governo, de institutos privados e pesquisas acadêmicas, são verificadas nos espaços de poder material e simbólico, de prestígio





© Dollar Photo

e privilégio, como o sistema universitário, o mercado de trabalho, o sistema político, a estrutura judiciária, o campo empresarial e diplomático, enfim, as “áreas duras”.

A partir dos anos de 1950, as pesquisas acadêmicas denunciavam “o preconceito de ter preconceito” no Brasil, e a falsa democracia racial é questionada. Em 1970, os movimentos negros se contrapõem ao racismo que atinge o sistema de saúde, propondo o reconhecimento e a superação do mesmo. Na “Marcha Zumbi dos Palmares” de 1995 em Brasília, a igualdade de tratamento para a saúde da população negra foi uma das proposições ao Estado.

Assim, diante do contexto de denúncias reais e da comprovação científica das consequências injustas do racismo sistêmico, estrutural e inter-relacional nas relações sociorraciais, assim como das proposições nacionais e internacionais de efetivação da igualdade racial no

País, superando o “mito da democracia racial”, o Ministério da Saúde (MS) lançou em 2014 uma campanha de conscientização e enfrentamento da discriminação racial no Sistema Único de Saúde (SUS). Tal empreendimento envolve todos os profissionais de saúde e a população na luta contra o racismo.

Segundo o MS, há práticas discriminatórias no SUS. Nas consultas médicas, as pessoas negras são atendidas em menor tempo que as brancas; nos acompanhamentos de partos, 46,2% das mulheres brancas tiveram esse benefício, enquanto que apenas 27% das negras utilizaram esse direito; as mulheres brancas recebem mais anestésias do que as negras; e estas apresentam taxas de mortalidade materna de 60%, enquanto as brancas, 34%.

Mas essa campanha não foi vista por todos como igualitária. Numa nota, o Conselho Federal de Medicina (CFM), uma importante





Sérgio Pereira dos Santos é pós-doutorado e doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES), pesquisador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab) da Ufes.

instituição social, diz que “em nome dos 400 mil médicos brasileiros, repudia o tom racista da Campanha, pois ela desconsidera os problemas estruturais de atendimento que afetam toda a população”. Segundo o CFM, ela não é necessária, pois o Código de Ética Médica já aponta que os médicos zelem para que “as pessoas não sejam discriminadas por nenhuma razão vinculada à herança genética, protegendo-as em sua dignidade, identidade e integridade”.

Esse posicionamento do CFM é factível de questionamento. Se o racismo que atinge o SUS é institucional, como o MS não estaria se preocupando com um problema estrutural ao fazer uma campanha de envergadura social de combate ao próprio problema que a gerou? Se a campanha apregoa o racismo, por que a maior parte da sociedade, que sofre ou não

### MUITAS PESSOAS NEGRAS, BRANCAS E INSTITUIÇÕES JÁ ABSORVERAM A RELEVÂNCIA DAS AÇÕES AFIRMATIVAS PARA A POPULAÇÃO NEGRA E PARA A SOCIEDADE

na pele o racismo no SUS, achou tal iniciativa importante ou não denunciou o governo? Se o SUS tem problemas, por que negros e brancos não os vivenciam igualmente? Se há éticas médicas contrárias ao racismo, por que no SUS ainda há tratamentos diferenciados entre brancos e negros?

O problema do racismo não é biológico, mesmo sabendo que a sociedade se utiliza de argumentos similares para marcar as desigualdades entre brancos e negros. Mesmo o CFM combatendo uma desigualdade genética, o racismo brasileiro funciona institucional e interpessoalmente no SUS, mesmo com a inexistência de raças biológicas. A campanha beneficia não apenas a população negra, ela atinge toda a sociedade ao torná-la mais justa, pois o racismo é um problema de Estado-Nação.

No Brasil há uma tendência histórica reacionária de entender as políticas de combate à discriminação racial como “racismo às avessas”



ou “racismo bumerangue”: resolver esse problema causaria um mal maior que o mesmo; ou estaríamos importando algo que não vivemos. Perversamente, ao se naturalizar as desigualdades raciais que ainda persistem duramente nas relações sociais, as ações equânimes de combate ao racismo tendem incrivelmente a ser mais doloridas e combatidas, por setores conservadores, do que as próprias assimetrias raciais legitimadoras das lutas sociais e do acolhimento do Estado a tais demandas. Assim, o racismo seria mais relevante do que o seu próprio enfrentamento e fim.

As vozes dos movimentos negros e os dados das pesquisas acadêmicas já adentraram os espaços institucionais, e a campanha do SUS é prova disso. Muitas pessoas negras, brancas e instituições já absorveram a relevância das ações afirmativas para a população negra e para a sociedade. Então, que esses avanços nos permitam ter muito mais medo e aversão do racismo em si do que da igualdade racial no Brasil, ainda inexistente! 



Hiran Pinel é pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), professor do PPGE-UFES.



(ao lado) O Ministério da Saúde em conjunto com a Secretaria de Direitos Humanos e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial lança, em Brasília, campanha publicitária para incentivar denúncias de atos de discriminação no Sistema Único de Saúde (SUS).

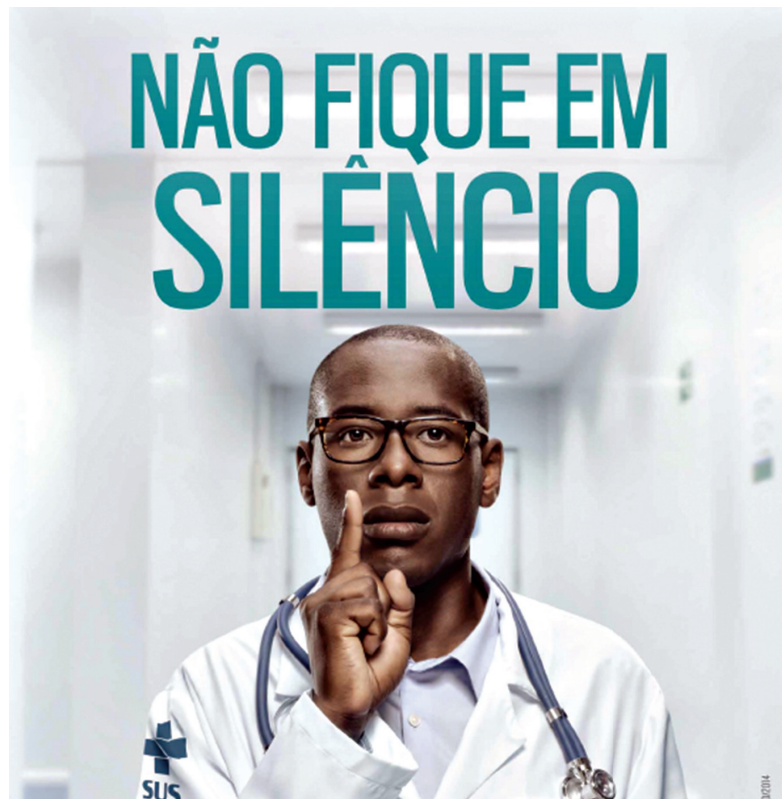
(abaixo) Peça publicitária da Campanha de Enfrentamento ao Racismo no SUS – 2014, que busca envolver usuários e profissionais da rede pública de saúde na luta contra o racismo.

## RAP: A DIÁSPORA NEGRA DO ASFALTO

JOELMA DE SALES DOS SANTOS

Este artigo tem como objetivo analisar as tensões que permeiam entre a “Velha Escola” e a “Nova Escola”(1) do rap (2) paulistano. Essas tensões que rodeiam as “escolas” correspondem a novas formas de compor o rap, tanto no âmbito melódico, com temáticas mais diversificadas, quanto na produção do beat (3), que abrange atualmente o uso de instrumentos musicais e novas tecnologias. Com isso, essas mudanças resultaram nas tensões que tratam, por um lado, da preservação do que se considera o rap autêntico conhecido como Velha Escola, no qual as letras tinham cunho contestatário, politizado e engajado. E por outro lado, a desvalorização da Nova Escola, que enaltece e abrange novos e diversificados temas nas letras e roupas da moda.

Diante dessa ambiguidade, sugerimos uma perspectiva mais elástica e móvel, e menos es-







© Flickr/ Jay Roc

tagnada, enclausurada, fazendo a releitura do rap como uma expressão da diáspora negra do asfalto. Pois o asfalto representa, a “selva de pedra” com seus arranha-céus de “cores monocromáticas”, o local inspirador e socializante para os rappers, o alicerce para as canções e trocas de informações. Concomitantemente, simboliza a plasticidade, os cruzamentos e os contatos incertos e imprevisíveis com outros circuitos culturais, possibilitando assim outros (des)caminhos, (des)encontros.

#### O rap entre a “Velha” e a “Nova” Escola

As questões de autenticidade que permeiam o rap correspondem às mudanças ocorridas neste estilo musical a partir dos anos 2000. Na década de 1990 o rap era conhecido por explicitar em suas letras as péssimas condições de moradia, saneamento, falta de emprego e condições mínimas de sobrevivência, além da intervenção e violência policial. No rap, o sentido de música ultrapassa a concepção de Rousseau, que declara que “a música é a arte de organizar os sons para agradar aos ouvidos”(4). Que a música é arte não tenhamos dúvidas, mas, para este estilo musical em que

a denúncia, a conscientização e a afirmação da negritude são o foco de produção, as preocupações dos rappers estão no conteúdo e na mensagem a ser transmitida e não, prioritariamente, na musicalidade.

Essas mensagens expressam o cotidiano daquilo que se vive e vivencia, nada é metafórico. As letras estão “imersas na localidade” (5), produzidas pelos “pretos, pobres da periferia” e para a periferia. Com isso, o rap, ou melhor, os rappers surgem com uma característica específica... a de porta-vozes das periferias pertencentes à “Velha Escola” do rap.

No decorrer dos anos 2000 este estilo musical passou por algumas mudanças pelas quais foi contestada a sua autenticidade. Uma dessas mudanças são as temáticas abordadas nas letras, com temas mais diversificados, nos quais os rappers falam sobre seus amores, festas, realização financeira, sucesso, roupas e carros. Com isso, muitos adeptos e alguns rappers alegam que a preocupação em passar uma mensagem para as pessoas da periferia deixou de ser prioridade e o rap tornou-se uma música mercadológica que atende aos requisitos da indústria fonográfica.



Joelma de Sales dos Santos é professora da rede pública do Estado de São Paulo e mestranda pelo Programa de Pós-Graduados em História Social, tendo como orientador o Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo.

Além das novas temáticas e abordagens, o uso de tecnologias e instrumentos musicais renova a forma e a técnica na produção musical. Desde o surgimento do rap, tanto no Bronx, quanto em São Paulo o beat era produzido através do trecho instrumental de qualquer música, mas os rappers utilizavam com maior frequência, para samplear, as músicas de funk e soul. Com isso, o uso de instrumentos musicais no beat dos raps tornou-se, atualmente, algo comum. Essas mudanças caracterizam um “novo” rap, conhecido também como “Nova Escola”, cujos protagonistas fogem aos estereótipos de “pretos, pobres da periferia”. Como diz Irobi (2012), “o rap, que até então era um som restrito aos negros, passou a ser um interesse global”.

### A diáspora negra do asfalto

Essas modificações questionam a originalidade, ou o que se entende como um estilo autêntico. Quais são as “raízes” do rap? Será que essas mudanças ferem a autenticidade?

Diante desses questionamentos, sugerimos analisar o rap como uma expressão da diáspora (6) negra do asfalto, pois assim esquivamo-nos de um dualismo segregador. Pensar o rap, dentro desta perspectiva, remete-nos a sua ancestralidade musical negra que descende de work songs, spirituals, blues, soul e funk. Aos africanos escravizados, destituídos de famílias, restou-lhes a música para (re)viverem e ressignificarem o que viviam em África. A vivência sempre esteve inteiramente interligada ao ambiente e ao cotidiano dos desgarrados da terra.

O rap nasce e se fortifica numa atmosfera urbana e caótica. Por isso o asfalto é o alicerce das letras, alento e socialização dos rappers, “território para viver, se divertir, criar, encontrar os manos, sobreviver e fazer arte”. (7) O asfalto também representa os cruzamentos e os circuitos dos (des)encontros com outros caminhos, daquilo “que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2009, p. 33) concedendo novas probabilidades no rap. 

### REFERÊNCIAS

(1) Utilizo esses termos, pois são os mais conhecidos entre os rappers, adeptos e mídia. Porém podemos encontrar outros termos que correspondem à mesma lógica de significado, tais como Nova e Velha Geração, Line Up, entre outras definições.

(2) Rap é um dos elementos que compõem o hip-hop. Há outros elementos que complementam e dialogam com o rap, tais como o break (dança dos b-boys e b-girls), o Mc (Mestre de cerimônia, o rapper que poetiza sobre a base instrumental constituída tanto pelo sampler – técnica que consiste em utilizar uma “sobra” da parte instrumental de uma música comum e reutilizada, reproduzindo várias vezes –, quanto pelos instrumentos musicais), Dj (Disquei Jôquei, aquele que produz o beat, base rítmica na qual o Mc irá cantar) e o Conhecimento, que abrange a interligação de todos os elementos que constituem o hip-hop.

(3) Beat é a batida, a base instrumental sobre a qual o rapper ou Mc cantará.

(4) ROUSSEAU, Jean-Jacques apud MUKUNA, Kazadi Wa. Sobre a busca da verdade na etnomusicologia: um ponto de vista. In: *Revista Usp*, São Paulo, n. 77, março/maio 2008, p. 14.

(5) SILVA, p. 27.

(6) A diáspora negra é o deslocamento compulsório de corpos africanos imbuídos de uma filosofia de vida e tradição viva (HAMBATÊ BA, 1982) vivenciada em África, na qual no período de colonização e escravidão foram transpostos para as margens opostas do Atlântico para exercer, forçadamente, trabalhos árduos nas grandes fazendas e lavouras. Os rastros dessa filosofia de vida ou cosmologia africanas, onde a vida está interligada ao universo, ao cosmo, foram ressignificados e rearranjados por meio da memória e da oralidade e (re)vividos no Novo Mundo. Rer ler esses sinais e traços africanos, na contramão do eurocentrismo, suscita a concepção de diáspora não como uma transferência ou cópia da fonte original, primária – como nos alerta Hall (2009, p. 34), “(...) não pode, portanto, ser adequadamente concebida em termos de origem e cópia, de fonte primária e reflexo pálido” –, mas como “a relação entre uma diáspora e outra”.

(7) AZEVEDO, Amaílton Magno Azevedo; SILVA, Salloma S. J. da. Os Sons que vêm das ruas: A música como sociabilidade e lazer da juventude negra urbana. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.). *Rap e educação. Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, p. 74.

### BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Amaílton Magno Azevedo; SILVA, Salloma S. J. da. Os Sons que vêm das ruas: A música como sociabilidade e lazer da juventude negra urbana. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.). *Rap e educação. Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, p. 65-81.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais. Liv Sovik. (Org.); Liv. Trad. Adelaïne La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

SILVA, José Carlos G. da. Arte e Educação: A experiência do Movimento hip-hop Paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.). *Rap e educação. Rap é educação*. São Paulo: Summus, 1999, p. 23-38.



# Um estigma entre nós

TEXTO ENFOCA  
BULLYING E  
CYBERBULLYING

**C**anadá, 2011. Uma jovem, Rehtaeh Parsons, de 15 anos, é estuprada por um grupo de quatro adolescentes. O ato, já em si repugnante, torna-se ainda mais repulsivo quando ao trauma psíquico sofrido, principalmente, pela vítima, é acrescido o constrangimento diante da reprodução, através das redes sociais, das cenas daquilo que pode ser interpretado como ápice do estado de barbárie. Dois anos mais tarde, a indignação dos canadenses permeia o luto diante do funeral de Parsons, cuja vida foi encerrada aos 17 anos, por suicídio.

Como Parsons, Amanda Todd, Jamey Rodemeyer, Megan Taylor Meier e, no mínimo, dezenas de outras vítimas não suportaram as











constantes depreciações de suas imagens perante uma plateia que, abstraída do sentimento de indignação, naturalizou determinadas agressões dando, inclusive, legitimidade às ações dos que, com astúcia, foram agressores.

O que as pessoas citadas tiveram em comum? O estigma que as colocou no papel de vítimas de bullying. Uma biografia cuja imersão no cotidiano inspira à tragédia; um espectro que, ao contrário do espectro solar cuja decomposição da luz produz a imagem que compreende as cores do arco-íris, se escurece a cada agressão, até que, dada sua constância, lhe extirpa qualquer sinal de luminosidade, restando à vítima, desesperada perante a sua impotência diante dos fatos e sua incapacidade de defesa psíquica, o suicídio.

O quadro exposto, cuja novidade fenomenológica pode ser atribuída apenas aos meios (hoje também virtuais), mas não aos fins (que, de forma simples, porém não “simplista”, podem ser resumidos em torno do objetivo de causar o mal a outrem), já contém elementos suficientes para que seja objeto de forte preocupação. Preocupação que se multiplica de forma diretamente proporcional à medida em que constatamos a sua recorrência em diversos lugares, entre várias pessoas, em praticamente todas as faixas etárias. Ou seja, ao contrário do que o senso comum pode supor, o bullying e o cyberbullying não são fenômenos restritos aos ambientes escolares, ou às crianças e adolescentes. São problemas que se tornaram cotidianos, se normalizando através da naturalização de suas práticas. Manifestam-se, inclusive, na Universidade.

Bullying pode ser considerado uma forma peculiar de violência cujas agressões físicas ou psicológicas, por se repetirem sistematicamente, provocam na vítima um estado de indefesa, minando sua autoestima e diminuindo sua iniciativa, já tão incomum dada a expressão de fragilidade que mantém diante dos pares. Quanto ao cyberbullying, sua definição pode ser dada como extensão do bullying para os meios virtuais que, além de “dispensar” a necessidade de repetição (a própria dinâmica

possibilitada pelas tecnologias de informação e comunicação atuais se encarrega desta função), muitas vezes é encorajado pela possibilidade de anonimato dada aos agressores.

São violências comuns ao cotidiano de crianças, jovens ou adultos, que convivem com seus iguais dentro e fora das escolas ou universidades, ontem e hoje, há tempos ou atualmente.

No Brasil, por exemplo, são comuns notícias nas quais universitários ingressantes, os “calouros”, que deveriam ser bem recebidos diante de uma nova etapa de suas vidas, isso objeto de frequentes humilhações por parte dos veteranos durante os primeiros meses de suas trajetórias acadêmicas, iniciadas muitas vezes através de trotes violentos.

Em nome de uma suposta tradição, dogmatiza-se um ato violento sacralizando tragédias

### AO CONTRÁRIO DO QUE O SENSO COMUM PODE SUPOR, O BULLYING E O CYBERBULLYING NÃO SÃO FENÔMENOS RESTRITOS AOS AMBIENTES ESCOLARES, OU ÀS CRIANÇAS E ADOLESCENTES

como, por exemplo, o assassinato de um estudante a golpes de bengala durante um trote na Universidade de Recife, em 1831.

Não obstante, a história conta outros tantos fatos. A morte por afogamento de um universitário durante um trote realizado na piscina do câmpus da Faculdade de Medicina da USP, em 1999; as queimaduras sofridas por sete alunos recém-chegados à Unifesp, em 2010, e a divulgação pelas redes sociais das cenas nas quais jovens ingressantes na UFScar simulam práticas sexuais tornam-se eventos “normais”.

O breve panorama delineado até aqui, apesar de corresponder apenas a um pequeno recorte de uma forma de violência potencializada por seu desdobramento em meio às tecnologias de informação e comunicação modernas, apresenta uma dimensão e extensão que exigem de nós um esforço de compreensão para o infortúnio. Tais atos, apesar das particularidades quanto à forma de ação (ou seja, em meio às práticas



Rafael Petta Daud é Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp de Araraquara. Membro do GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral.



Luciene Regina Paulino Tognetta é Doutora em Psicologia Escolar e professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp de Araraquara. Coordenadora do GEPEM – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral.





sociais “virtuais” ou não), denotam o quanto a violência, seja ela física ou psicológica, tem se tornado um valor a ser consumado em diversos espaços.

Atenua-se a tragédia quando, por exemplo, se diz que o “rodeio das gordas”, outro fato ocorrido entre estudantes universitários, é apenas uma “brincadeira”. Ou mesmo quando a própria vítima, em nome do culto ao pertencimento, acredita ser mesmo brincadeira ter seu corpo exposto ou alvo de desmedidas violências.

Certamente, diferentes pesquisas têm nos apontado o quanto falta ao agressor de bullying ou cyberbullying a sensibilidade à dor do outro. Mostram também o quanto falta à vítima se ver como valor diante dos outros. A ela resta, na maioria dos casos, a redução de sua condição humana diante de uma plateia que, insensível ou impotente, pouco ou nada faz em sua defesa.

Para enfrentar o problema, cuja tentativa de diminuição é senso comum ou falácia, é preciso que o debate, seja ele desenvolvido no meio acadêmico ou estendido para a opinião pública, ultrapasse o âmbito da denúncia. Pouco se fez pela denúncia, quando, no caso do “rodeio das gordas”, as mulheres ofendidas se negaram a criminalizar o ocorrido, anunciando a naturalização das ações propostas.

O fato é que em todos os casos, sejam eles repetidos ou pontuais, é preciso que se procure responder às seguintes questões: Qual conteúdo moral falta àqueles que, intencionalmente, escolhem determinadas brincadeiras que têm em sua essência o desrespeito? Qual conteúdo moral falta também aos que simplesmente não se importam, não se indignam e, em alguns casos, chegam a validar a conduta dos que são agressores?

Responder a tais perguntas nos permite pensar o quanto estamos ainda longe de resolver situações de desrespeito como as que foram aqui elencadas, dentre tantas que acometem nossos jovens.

O que precisamos, na verdade, é de ações que sejam efetivas e que possam desenvolver,

naqueles que carecem de um conteúdo moral, o respeito de que tanto precisam a si e ao outro. É, sim, papel das universidades, das escolas de Educação Básica, daqueles que “humanizam”, de fato, terem em seus programas ações pensadas, intencionais, organizadas para que se possa desenvolver em seus alunos, pequenos ou grandes, a capacidade de se sensibilizar com o sofrimento dos que, ontologicamente, lhes são semelhantes.

### PARA ENFRENTAR O PROBLEMA, É PRECISO QUE O DEBATE, SEJA ELE DESENVOLVIDO NO MEIO ACADÊMICO OU ESTENDIDO PARA A OPINIÃO PÚBLICA, ULTRAPASSE O ÂMBITO DA DENÚNCIA

Neste sentido, a educação, seja ela em que nível for, é um importante caminho para a superação dos casos de bullying e cyberbullying, mas, mais do que isso, é caminho para uma humanidade mais humana.

#### Para saber mais:

MARTINÉZ, J.M.A.; ELVIRA, N.A.; TOGNETTA, L.R.P. Redes sociales y ciberconvivencia: contenidos de trabajo para el desarrollo moral en la escuela – Programa Educativo PRIRES. In: *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. INFAD Revista de Psicología, no. 01, vol. 07, 2014, ISSN: 02149877, p. 247-256.

MARTINÉZ, J.M.A. Prevención del maltrato entre iguales a través de la educación moral. *IIPSI Revista de Investigaciones Psicológicas*, 2012, 15(1), 17-31.

TOGNETTA, L.R.P. BOZZA, T.L. Cyberbullying: um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que adolescentes têm de si. *Revista Nuances – Estudos sobre Educação da Unesp*. Volume 23, número 24, 2012, ISSN 2236-0441, p. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/1896/Luciane%20Regina>>. DOI 10.14572/nuances.v99i9.9999>

TOGNETTA, L.R.P. Violência ou problemas de convivência? Para mudar a trajetória de fracassos de nossas escolas em conter e modificar as ações violentas é necessário tomar para si a responsabilidade pela educação moral. *Revista Pátio Ensino Fundamental*. Editora Grupo A, número 68, ano XVII, novembro, 2013-janeiro 2014, ISSN 21790248, p. 32-35.

TOGNETTA, L.R.P.; ROSÁRIO, P. Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. *Revista Estudos em avaliação educacional*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v. 24, n. 56, setembro-dezembro 2013, p. 106-137. ISSN 0103-6831.





# Caminhos da Administração Pública

TEXTOS  
DISCUTEM  
EXERCÍCIO  
PROFISSIONAL  
E CRIAÇÃO DE  
ASSOCIAÇÃO  
NACIONAL DE  
EGRESSOS

## O EXERCÍCIO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DOS CURSOS DE PÚBLICAS

VALDEMIR PIRES

São profissionais do Campo de Públicas os egressos dos cursos abrangidos pela Resolução MEC/CNE/CES 01/2014, que “Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais [DCNs] do curso de graduação em Administração Pública, bacharelado”, “que compreendem o campo multidisciplinar de investigação e atuação profissional voltado ao Estado, ao Governo, à Administração Pública e Políticas Públicas, à Gestão Pública, à Gestão Social e à Gestão de Políticas Públicas” (Art. 1.º).

A denominação desse grupo de cursos como Campo de Públicas decorre do movimento nacional que os articula, resultando, primeiro, na conquista das DCNs próprias (já que antes eram regulados pelas mesmas de Administração) e, depois, na criação da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (ANEPCP), com colaboração da qual o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) elaborou o processo que resultará no primeiro Exame Nacional de Desempenho de

Estudantes (ENADE) para a área, neste ano.

Trata-se, como é fácil perceber, de um campo autônomo de formação e atuação profissional, totalmente distinto do campo da Administração (privada), como evidenciam os próprios artigos da mencionada resolução dos órgãos de regulação educacional, inclusive porque esta resolução é fruto de intensa e demorada luta dos estudantes, professores e coordenadores dos cursos citados, que insistiram e insistem em afirmar esta distinção, epistemológica, inclusive; embora reconheçam a importância da Ciência Administrativa como formadora, via multidisciplinaridade, do conhecimento necessário aos profissionais do Campo de Públicas.

O exercício profissional dos egressos dos cursos do Campo de Públicas não tem porque ser regulado e fiscalizado por um sistema (como o Conselho Federal de Administração – CFA/Conselhos Regionais de Administração – CRAs), já que se trata de outra profissão (se é que hoje em dia esta expressão signifique algo facilmente definível, como era no final dos anos 1960, em que a profissão de “técnico de administração” foi regulamentada). Então, de onde se origina a confusão, hoje instalada, levando a que CRAs criem dificuldades, ou





© Dollar photo



**Valdemir Pires é professor e ex-coordenador do Curso de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara e militante do movimento Campo de Públicas.**

**Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 14 de setembro de 2015.**

mesmo o impedimento, para que egressos dos cursos do Campo de Públicas assumam vagas obtidas em concursos públicos?

Aparentemente, os CRAs se prevalecem do artigo 3.º do Decreto 61.934, de 22/12/1967, que regulamenta a Lei 4.769, de 09/09/1965. Neste artigo, as alíneas c e d incluem como profissionais de Administração os que exercem cargos e funções na Administração Pública direta e indireta e em empresas públicas. No artigo seguinte, entretanto, o regulamento da profissão reza: “Art 4º Na Administração Pública Federal, Estadual ou Municipal, direta ou indireta, é obrigatória, para o provimento e exercício de cargos de Técnicos de Administração, a apresentação de diploma de Bacharel em Administração”, com o Art. 14 da Lei 4.769: “Art 4º Na Administração Pública Federal, Estadual ou Municipal, direta ou indireta, é obrigatória, para o provimento e exercício de cargos de Técnicos de Administração, a apresentação de diploma de Bacharel em Administração”.

Ou seja, pela Lei e pelo Decreto que regulam a profissão, para o exercício de cargos e funções na Administração Pública, mesmo incorrendo no equívoco de equiparar o Bacharel em Administração aos egressos do Campo de Públicas, basta a apresentação do diploma. O registro profissional se faz necessário para atuação no setor privado, conforme fica claro na Lei 4.769: “Art 14. Só poderão exercer a profissão de Técnico de Administração os profissionais devidamente registrados nos C.R.T.A., pelos quais será expedida a carteira profissional”. Isso porque há uma distinção entre exercer a profissão (principalmente como profissional liberal) e ocupar cargo ou desempenhar função no setor público.

No setor público a atividade do profissional é fiscalizada a partir de normas e mecanismos próprios, como premissas constitucionais e códigos de ética específicos, que procuram resguardar o interesse público; bem como o recrutamento via concurso assegura, mais do

que um mero registro em conselho, as habilidades mínimas necessárias, ou o mérito, para o exercício profissional. Ou seja, o garantidor de que o profissional contratado esteja habilitado e de que se portará dentro dos parâmetros éticos é o próprio governo contratante, com todo o emaranhado de normas, mecanismos e procedimentos de que se cerca para isso, por dever, na defesa do interesse público. Então, para que “terceirizar” para uma entidade focada na administração privada essa obrigação de fiscalizar o exercício profissional?

Isso sem que se diga o mais relevante: os egressos dos cursos do Campo de Públicas não são Administradores, são Administradores Públicos, Gestores Públicos, Gestores de Políticas Públicas, Gestores Sociais. E aí surge um outro problema: o edital de concurso público. Por desconhecimento dos governos, instituições, entidades e empresas públicas (dada a novidade do fenômeno, que se reporta ao final dos anos 2000), os editais não contemplam essas formações, não só desrespeitando a necessária isonomia constitucional, mas privilegiando Administração, em detrimento de cursos muito apropriados para formar agentes públicos. Aqui, parece caber ao MEC agir para esclarecer os órgãos públicos acerca de uma novidade na formação profissional que ele acaba de autorizar e que, por meio do INEP, via ENADE, este ano avaliará.

Resta considerar os casos em que os egressos do Campo de Públicas queiram exercer atividades no setor privado. Neste caso, cabe, sim, ao sistema CFA/CRA, exigir registro profissional e fiscalizar o exercício, pois as normas que, no setor público, defendem a sociedade contra os maus profissionais em seu âmbito não atingem o setor privado. É, pois, do arbítrio do sistema CFA/CRA decidir, a partir da análise dos currículos (ou dos projetos pedagógicos, mais amplamente falando) de cada um dos cursos, se aceita ou não os registros, avaliando se esses currículos/projetos pedagógicos preparam adequadamente os egressos para atuar no setor privado. Tomando este caminho, o CFA/CRA deve tomar o cuidado de consi-

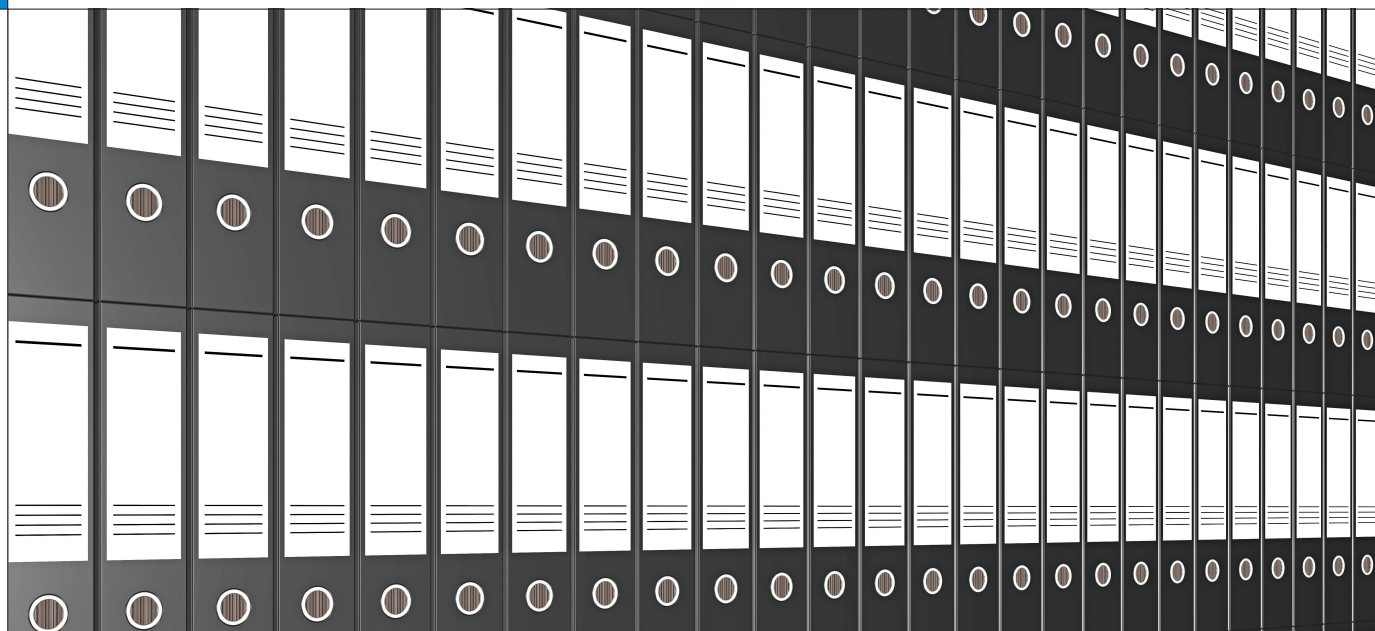
derar cada curso em sua especificidade, pois eles não são homogêneos, refletindo escolhas e vocações regionais, tal como permitido pelas DCNs próprias que os regem. Pode ocorrer, por exemplo, que um determinado curso prepare para o exercício somente de algumas atividades no setor privado, mas não de outras: poderia haver um registro de exercício profissional parcial? Por exemplo: é claro que os egressos de muitos cursos do Campo de Públicas são bem preparados para auxiliar as empresas nas relações com o governo (tributação, licitações, parcerias público-privado etc.) e em suas funções sociais (fomento à cultura, ações em benefício da comunidade, balanço social etc.); mas em não sendo para o restante (funções especificamente privadas), poderiam

#### OS EGRESSOS DOS CURSOS DO CAMPO DE PÚBLICAS NÃO SÃO ADMINISTRADORES, SÃO ADMINISTRADORES PÚBLICOS, GESTORES PÚBLICOS, GESTORES DE POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTORES SOCIAIS

ser considerados habilitados para o que têm formação, sem o ser para o que não têm?

O que resta, para concluir essa discussão, é recomendar três posturas fundamentais no necessário diálogo para solução do atual impasse em torno do assunto: 1. que o corporativismo seja evitado ao máximo na busca de soluções; 2. que as propostas levem em conta a dinâmica inevitável do mundo do trabalho atual, que tornou a palavra profissão praticamente obsoleta, dada a complexidade do conhecimento e dos fazeres, lançando as corporações profissionais para o lugar histórico de onde seria bom não terem retornado: a Idade Média; 3. que as decisões e ações a serem implementadas levem em conta sobretudo o interesse público, à base de uma postura democrática e republicana, sem prejudicar os interesses dos egressos do Campo de Públicas, que podem vir a ser um dos ingredientes necessários para o salto de qualidade tecnopolítica de que a Administração Pública brasileira está carecendo. <sup>uc</sup>





© Dollar photo

## UMA NOVA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA NO BRASIL

VALDEMIR PIRES, FELIPE DRUMMOND,  
VITOR CÂNDIDO E EMANUELE GLAESER

Os estudos sobre a administração pública brasileira chamam a atenção para dois grandes momentos de sua transformação: a criação do Departamento Administrativo do Setor Público (DASP), em 1938, e a chamada reforma do estado, dos anos 1990. Enquanto esta última é chamada de reforma bresseriana, devido à liderança nela exercida pelo ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira (sob Fernando Henrique Cardoso), a dos anos 1930 deveu muito a Luiz Simões Lopes (sob Getúlio Vargas).

Nenhum desses momentos de mudança, do passado, contou com o que, hoje, está disponível para um novo salto de qualidade na gestão pública: um contingente de egressos e de estudantes de cursos superiores de Administração Pública, Gestão Pública, Políticas Públicas, Gestão de Políticas Públicas e Gestão Social (agrupados no chamado Campo de Públicas, sob Diretrizes Curriculares Nacionais próprias – Resolução CNE/CES 01/2014), alguns já atuando e muitos prontos para ingressar em carreiras na União, nos Estados e nos Municípios, ou, ainda, para ocupar cargos de livre nomeação com efetivas contribuições tecnopolíticas a oferecer aos políticos do Executivo e do Legislativo.

Por tradição e inércia, os profissionais dessa área em efervescência no país têm se filiado (quando lhes permitem, pois há casos de recusa) aos Conselhos Regionais de Administração, mas trata-se de um procedimento, para dizer o mínimo, inadequado. O Sistema CFA/CRA tem por finalidade fiscalizar o exercício profissional em Administração, não em Administração Pública, que é completamente diferente. Além disso, a fiscalização do exercício profissional em cargos governamentais se submete a Códigos de Ética e a mecanismos e procedimentos próprios da área, prescindindo, portanto, do CFA ou de qualquer outro órgão que possa vir a ser criado para a fiscalização do exercício profissional.

Assim, a criação de uma Associação Nacional dos Egressos dos Cursos do Campo de Públicas (em andamento) serve muito mais à finalidade de agregar os profissionais da área do que qualquer outra iniciativa. Até porque a referida associação terá a finalidade de fortalecer a profissionalização e ampliar as oportunidades de inserção profissional dos egressos dos cursos a ela afetos e também terá, entre os seus objetivos, o de militar pela qualidade do serviço público, pela melhoria do processo de seleção e recrutamento via concursos públicos, pelo uso correto dos cargos de livre nomeação, pela ampliação das relações universidade-administração pública na formação continuada dos gestores e pelo combate ao corporativismo na área e em áreas conexas (Administração, por exemplo). **uc**

**Valdemir Pires é economista, professor e pesquisador do Departamento de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp.**

**Felipe Drummond é administrador público pela Fundação João Pinheiro.**

**Vitor Cândido é administrador público pela Fundação João Pinheiro.**

**Emanuele Glaeser é profissional do Campo de Públicas graduada em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).**



Criança saindo de lixo após coleta de recicláveis

# A criança, o adolescente e o trabalho

**ONU DIVULGA DADOS SOBRE O TRABALHO INFANTIL NO MUNDO**

**T**odos os anos, no dia 12 de junho, a ONU divulga dados sobre o trabalho infantil no mundo. Os resultados são estarrecedores: 168 milhões de crianças estão trabalhando, sendo que, desse montante, 120 milhões estão na faixa etária entre 5 e 14 anos e em torno de 5 milhões estão submetidas a condições parecidas com a escravidão. Basicamente, esse tipo de mão de obra é empregado em países subdesenvolvidos da América Latina (incluindo o Brasil), África e do Sudeste Asiático.

Esperava-se que matérias desse tipo sensibilizassem as pessoas para esse triste e lamentável fato. Contudo, não são poucas as pessoas que dizem algo assim: “tem que trabalhar mesmo. É por causa da proibição do

governo de trabalhar, desse tal de ECA, que as crianças e os adolescentes estão virando bandidos, traficantes”. “Comecei a trabalhar aos 9 anos, na lavoura, e não virei bandido.”

Nessas oportunidades, apresentamos argumentos favoráveis ao desenvolvimento de trabalho por crianças e jovens (ideia compartilhada pela maioria da população). Entretanto, o trabalho deles deve ser o de estudar (tese aceita por poucos). Ainda mais: é um engano terrível atribuir ao ECA a responsabilidade por todas as tolices que crianças e adolescentes cometem, como usar drogas.

Não podemos esquecer jamais: tais seres estão em desenvolvimento, portanto, precisam estudar, aprender um ou vários ofícios,



praticar educação física e esportes.

Nesse sentido, o que devemos defender é a transformação da instituição educativa em lugar de preparo para a vida.

Acontece que as pessoas, geralmente, não concebem o estudo como trabalho. Salvo melhor juízo, elas compreendem o estudo como uma atividade que não exige tanto esforço e dedicação quanto o trabalho.

Entretanto, assim como a lida, o estudo demanda esforço incomum, sobretudo para o aprendizado de conteúdos maçantes e sem compreender o seu sentido para as nossas vidas. Logo, a tese de que o estudar é diferente do trabalhar,

#### OS ALUNOS DEVERIAM SER OS RESPONSÁVEIS PELA LIMPEZA DE SUA SALA DE AULA, SUAS CARTEIRAS, O PÁTIO E A QUADRA POLIESPORTIVA

segundo essa definição, “cai por água abaixo”.

Outra definição: conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. Bem, a escola deveria tornar favorável um conjunto de ações que levasse os educandos a atingirem determinado objetivo – no caso, construir conhecimento. Na verdade, o raciocínio que toma como sinônimo “trabalhar” e “estudar” só é possível se o trabalho não for restrito à execução de atividades manuais e/ou mecânicas, ficando as intelectuais relegadas a um segundo plano.

Quanto ao fato de o trabalho ser atividade profissional regular, remunerada ou assalariada, pode parecer que, nessa perspectiva, ele guarda diferença com o estudar. Eu discordo! A atividade de estudar é regular e as frequentes ausências podem levar à reprovação do aluno, assim como a empresa pode demitir o funcionário. Quanto à remuneração, ambos recebem: o trabalhador, salário; o estudante, a possibilidade de produzir conhecimento.

Psicologicamente, a consciência é produto de todo e qualquer tipo de ação (não apenas do trabalho). Nesse sentido, quando as crianças brincam e estudam, estão se desenvolvendo.



Evidente está que a família, a escola e outras agências educativas precisam se modificar (ou melhor, cumprir o papel que lhes cabe). Acontece que os pais delegam responsabilidade à escola para educar os seus filhos, mas não autoridade. O problema é que eles não estão sendo capazes de se constituírem como autoridades para os seus filhos. E mesmo a escola e os templos religiosos não estão também sendo autoridades, em razão de não lhes ter sido dada essa autoridade. E, ainda que a tivessem, estas instituições estão se mostrando incapazes de fazer as crianças e jovens lhes obedecerem. Esse vazio acaba sendo ocupado, então, pela comunidade e pelos mass media que, como já se sabe: a primeira está a ensinar que a única moral a ser respeitada deve ser a da própria comunidade, quase sempre a da violência; a segunda, como o seu compromisso é sobremaneira com o entretenimento, destina-se a



© Wikipedia

incutir apenas determinadas culturas estranhas à construção de conhecimento.

Em decorrência, os pais acabam deixando as crianças fazerem o que lhes der “vontade”. Acontece que, ao agirem desse modo – sem colocar limites –, os progenitores não estão contribuindo para que seus filhos se tornem seres civilizados, portanto, aptos para viver em sociedade e, tampouco, para serem felizes. Na verdade, eles estão levando suas proles à morte. Amar, ao contrário do que se costuma pensar, significa também preparar os filhos para que consigam viver numa sociedade regrada e que tenham o respeito mútuo, a justiça, a solidariedade e o diálogo como pedras fundamentais.

A propósito, talvez tais condutas de desrespeito sejam sinais, por mais paradoxal que possa parecer, de que os jovens estão nos pedindo ética, ou seja, limites! Isso mesmo, nos solicitando limites, contenção, repressão!

Há um ditado popular empregado nesses momentos em que se defende o trabalho como antídoto à indisciplina e à violência: cabeça vazia, oficina do diabo.

Não julgo ruim o fato de a “cabeça vazia” ser uma usina de ideias diabólicas. Afinal, são algumas dessas noções que mudam o mundo. Imaginemos: se Freud não estivesse, em algum momento, com a sua “cabeça vazia”, não teria construído o sistema do inconsciente e, por conseguinte, evidenciado que não é a nossa consciência a controlar nossas condutas, mas o nosso inconsciente.

Em resumo, não equacionaremos o fenômeno da violência na sociedade colocando o aluno para trabalhar. Defendo tal tese não só porque o trabalho infantil foi proibido no Brasil, mas porque entendo que o trabalho de criança e de adolescente é estudar e, em decorrência, desenvolver as competências necessárias para o ingresso no universo adulto. Não estou aqui a defender que o aluno não possa ter outras responsabilidades. Penso que os pais devem educar os seus filhos, desde a mais tenra idade, para que estes saibam administrar suas mesadas (quando as recebem), cuidar dos seus bichos de estimação, ajudar nos afazeres domésticos, como organizar o seu quarto, entre outras atividades.

Defendo, igualmente, que os alunos deveriam ser os responsáveis pela limpeza de sua sala de aula, suas carteiras, o pátio e a quadra poliesportiva. Sei que alguns dirão que isso significa exploração do trabalho infantil. Eu, ao contrário, vejo tais práticas como necessárias à formação da cidadania. Basta, apenas, que a escola as explicita como componentes do conteúdo escolar e da formação cidadã. Sem contar que não há nada mais eficiente para ensinar o respeito ao bem público do que cuidar dele. Com tais ensinamentos, quem sabe aprenderemos a cuidar do nosso próprio jardim.

Afinal, temos que superar a velha tese de que só se diminui consideravelmente a “bandagem” e a “vagabundice” com a aplicação do “remédio trabalho” e colocar no lugar o “remédio escola de tempo integral e de qualidade”. 



**Nelson Pedro-Silva** é professor doutor de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis e autor de *Indisciplina e Bullying, e Ética, Indisciplina & Violência nas Escolas* (ambos publicados pela Editora Vozes).

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 1 de julho de 2015.



EDUARDO STRACHMAN



© Dollar Photo

# Uma explicação estrutural dos impasses brasileiros atuais

**A DESATENÇÃO COM GASTOS E GANHOS ENTRE PRODUÇÃO E INVESTIMENTO PRODUTIVO DECORRE, ENTRE OUTROS FATORES, DE UMA INDUSTRIALIZAÇÃO MENOS DECIDIDA E AGRESSIVA POR PARTE DO CAPITAL NACIONAL**

**P**ara compreendermos de forma mais profunda, histórica e estrutural os impasses da economia, sociedade e política brasileiras, é necessário relembra como atingimos o atual estágio. Um aspecto a ter em mente é que o processo de interrupção do crescimento industrial do país provém de 1980-81 e, de forma mais decidida, de 1990, com a primeira grande apreciação da moeda nacional, sob o Plano Collor, que indicou o rumo que o país tomaria, em aspectos essenciais, nos anos seguintes.

Esta sobreapreciação, que decorre de uma maior despreocupação com a indústria do país, iria se repetir no início do Plano Real, nos governos Itamar e FHC e, posteriormente, com Lula e Dilma. Tal sobreapreciação, repetida e quase permanente, é acompanhada por juros sobre a dívida pública e, de forma muito mais acentuada, sobre os créditos ao setor privado, o que mostra um outro indicador da crescente desimportância que a indústria e os ganhos conseguidos no setor produtivo assumem. A

estes vem somar-se a estrutura fiscal ineficiente — mas igualmente estável, em sua progressiva disfuncionalidade —, assim como a do câmbio e dos juros. Passa-se, assim, crescentemente a “se ganhar dinheiro”, no Brasil, via os setores primários (mineral e agropecuária) ou a eles ligados, ou via comércio, serviços financeiros e aplicações na dívida pública nacional.

Os sucessivos Governos Federais não mais se empenham em proteger ou estimular macroeconomicamente a indústria, ao mesmo tempo em que os industriais (e FIESP, CNI, etc.) tornam-se cada vez menos relevantes politicamente, ao mesmo tempo em que o câmbio sobreapreciado aproxima as classes alta e média dos importados e de Miami. Considera-se que aqui não há o que proteger, com notórias exceções, em termos de eficiência produtiva. Quando os custos produtivos ultrapassam os da China (ou de outro país), passa-se rapidamente a comerciar produtos importados, às vezes apenas com alguma maquiagem que os

faça parecer nacionais, assim como no caso dos high-tech – na verdade, em muitos casos, japoneses ou coreanos.

Os empresários passam, então, a ser cada vez mais importadores e comerciantes – ou voltam a isso, em termos familiares –, visto que não têm muito o que proteger, em termos de qualificação de mão de obra, pessoal mais especializado ou mesmo organização produtiva empresarial. E crescentemente passam a obter ganhos em aplicações financeiras e/ou em especulação cambial – por isso o câmbio deve flutuar excessivamente. Deve-se ganhar o máximo, nas poucas atividades produtivas, ou nas comerciais, financeiras, etc., com mark-ups desconhecidos no mundo civilizado – o que está ligado a baixos salários e à desigualdade econômica, social e política fundadoras do país – e reaplicar esses ganhos, e aqueles obtidos de especulações com câmbio e títulos públicos, neste circuito.

Esse jogo todas as empresas líquidas, de todos os setores, realizam no Brasil, ainda mais do que em outros países – é assim, essencialmente, que aqui se rentabilizam capitais. A estrutura fiscal “ineficiente” serve a isso, sobretudo, como um meio de transferência de uma carga tributária elevada e desigual, que recai sobre os desfavorecidos, em sentido amplo, e flui aos detentores da dívida pública. Com o que sobrar, após ultrapassar um mar de ineficiências em que mais um grande número de agentes se locupleta, pode-se realizar algo útil à economia e sociedade brasileiras, o que também não é uma preocupação séria de grande parte do país, visto que a desigualdade contumaz e feroz é característica essencial do Brasil, desde o descobrimento. Ou seja, o sistema fiscal e o financeiro a que ele se liga servem para remunerar de forma indecente os capitais não produtivos, inclusive estrangeiros, e para isso é essencial manter a conta de capital totalmente aberta, sem restrições mais relevantes, além de uma institucionalidade anti-inflacionária que basicamente exige um comportamento assaz ineficaz, em termos de crescimento, dos governos e ocupantes de

cargos mais importantes no Banco Central – também por isso presidentes do Banco Central do Brasil ganham prêmios internacionais e são cotados para governos de Estados ou do país.

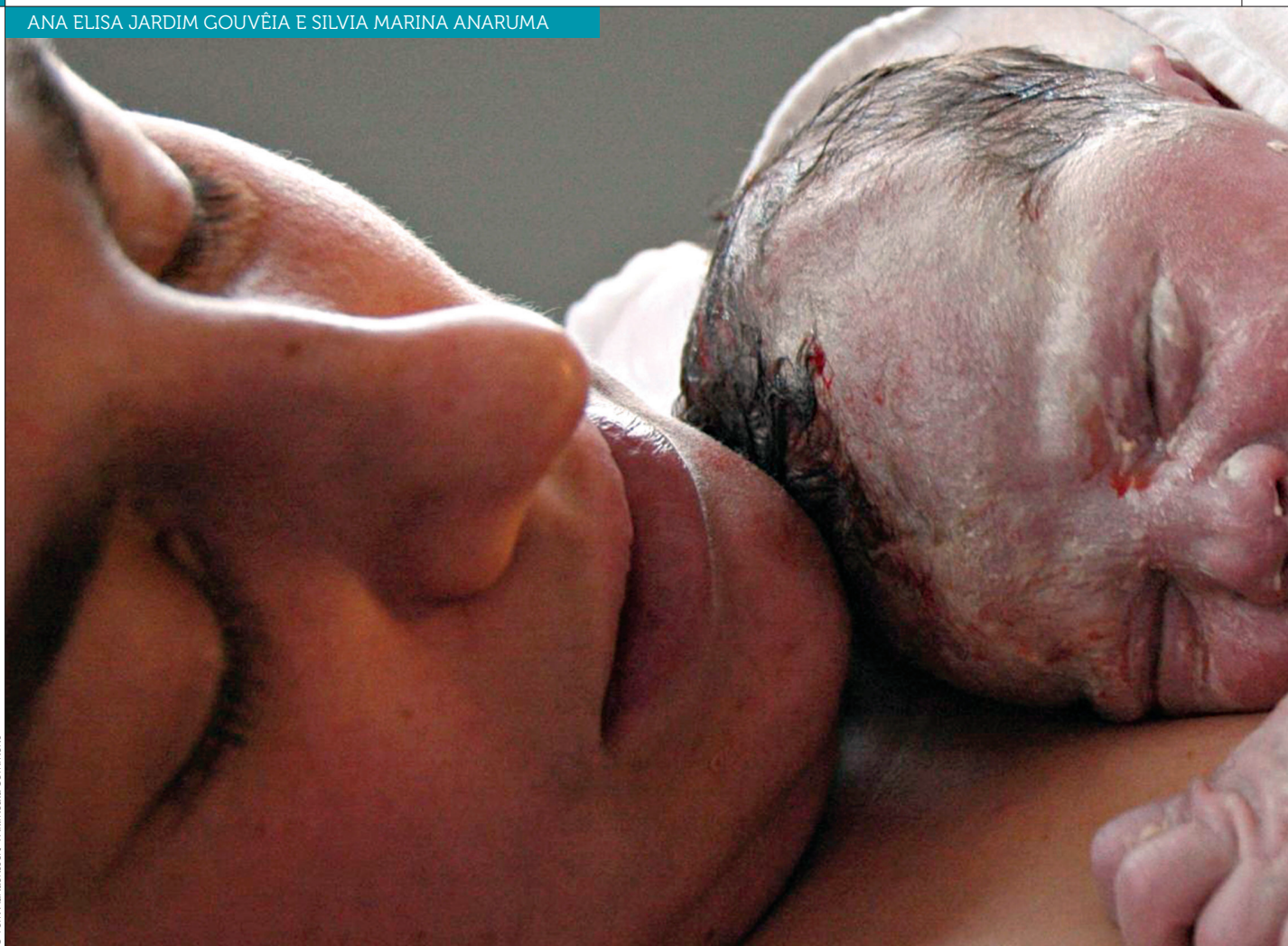
A desatenção com gastos e ganhos em produção e investimento produtivo decorre também de uma industrialização menos decidida e agressiva por parte do capital nacional, o qual não permitiu ao Estado maiores exigências quanto a exportações, qualidade e competitividade, ao contrário do que fizeram vários governos asiáticos que invejamos. O Estado brasileiro foi capturado por estes industriais, desde sempre, a fim de não ser muito agressivo, na busca por competitividade e expansão internacionais, com honrosas exceções, da mesma forma que, após 1990, passa a ser comandado crescentemente pelo setor financeiro.

O atual “ajuste fiscal”, que os perdedores da última eleição presidencial também realizariam, então se explica: em termos fiscais, não ajusta nada, antes pelo contrário, a situação fiscal vem se deteriorando, como era esperado pelos mais “expertos”, mas permitem-se ganhos ainda mais espetaculares aos agentes líquidos, que são sobretudo os do setor financeiro. Os juros aumentam, o câmbio volta a flutuar muito, os salários caem e os mark-ups e o desemprego sobem. Todos os candidatos iriam fazer o mesmo e isso se chama controle político total, ainda que a vencedora tenha afirmado que não o faria e, como visto, não o devesse ter realizado. Ademais, os preços de vários ativos despencam com tal recessão provocada por mãos-de-tesoura, proporcionando maiores oportunidades de ganhos aos agentes líquidos. E não há quase o que se proteger: nem setores ou lucros produtivos, nem empregos, nem salários, etc. O país não se preocupa, no geral, com isso – nosso Estado é fraco e capturado –, apenas com estes ganhos que ampliam a desigualdade do país e o jogam a um crescimento lento, que já dura 35 anos e não parece ter nenhuma possibilidade de ser retomado. Não há forças sociais ou políticas para isso. Elas têm que ser (re)construídas. 



**Eduardo Strachman é professor livre-docente do Departamento de Economia da Faculdade de Ciências e Letras do Câmpus de Araraquara da Unesp.**





© Tom Adriaenssen/ Wikimedia Commons

# Novas regras incentivam parto normal

**MULHERES DEVEM SER INFORMADAS DURANTE TODO O PRÉ-NATAL, TRABALHO DE PARTO E PÓS-PARTO**

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 5 de agosto de 2015.

**P**arto é um questão de saúde, por isso, devem-se priorizar métodos que tragam mais segurança para a mãe e o bebê. No mundo inteiro, atualmente, se defende o parto normal como mais seguro e mais vantajoso para mãe e bebê. Por consequência disso, com as novas regras que incentivam o parto normal da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), que começaram a valer a partir do dia 6 de julho de 2015, esta condição será mais garantida nas redes particulares, onde ocorre o maior índice de cesáreas no Brasil. Cada mulher deve, então, receber atendimento adequado com opção do método de parto seguro e respaldado cientificamente e não por

decisão obstétrica sem indicação real. Desta maneira, as mulheres devem ser informadas sobre a real situação em que se encontram durante todo o pré-natal, o trabalho de parto e o pós-parto.

São muitos os motivos para a decisão das mulheres pela cesárea. Um deles está relacionado ao mito a respeito da segurança da cesárea (que não é considerada um parto, mas um procedimento cirúrgico). Segundo estudos nesta área, a cesárea quando bem indicada salva vidas, porém, sem a real necessidade pode ocasionar riscos desnecessários como: dificuldades respiratórias do bebê, bebês prematuros, mortes neonatais e mortes das mães.



Ana Elisa  
Jardim Gouvêia,  
fonoaudióloga do  
Centro de Reabilitação  
“Princesa Vitória”  
com especialização  
em Amamentação,  
membro do Proama,  
Unesp, Câmpus  
de Rio Claro – SP.

As novas regras estabelecidas pelo Ministério da Saúde e pela ANS para estimular o parto normal e reduzir as cesarianas desnecessárias vieram para melhorar nosso modelo de assistência ao parto e nascimento. É importante também ressaltar que existem dados científicos que mostram a relação entre cesarianas e dificuldades na amamentação. A OMS recomenda colocar o bebê em contato com a mãe logo após o parto e assim estimulá-la a identificar se o bebê está pronto para ser amamentado. É no período pós-parto que os bebês se encontram mais aptos para o estabelecimento da amamentação, pois têm maior resposta ao tato, calor e odor da mãe. Este contato pele

a pele inicial, na primeira hora de vida, favorece a liberação de hormônios responsáveis pela produção e ejeção de leite. Esta prática, porém, torna-se incompatível com a atual rotina hospitalar durante a cesárea.

Esperamos que estas novas regras melhorem também nossos índices de aleitamento materno pela ideia de promover o contato precoce do bebê e sua mãe logo após um parto normal. É muito importante que as mulheres tenham a informação correta sobre parto normal e cesárea, como atesta o Ministério da Saúde. Só assim poderemos mudar o panorama atual do Brasil como um dos países recordistas em cesarianas. [UC](#)



Silvia Marina Anaruma,  
psicóloga, docente  
do Departamento de  
Educação do Instituto  
de Biociências,  
coordenadora do  
Proama – Projeto  
Amamentar da Unesp  
– Câmpus de Rio Claro  
– SP.





## Exposição de estudantes do Instituto de Artes

**ESCULTURAS EM CERÂMICA MARCAM UM ANO DE TRAJETÓRIA NA DISCIPLINA DO CURSO DE GRADUAÇÃO**

A galeria do Instituto de Artes (IA) da Unesp abrigou, em agosto último, a exposição “Dissonância: da terra à forma”. A mostra apresentou peças dos estudantes após um ano cursando a disciplina de Cerâmica, da graduação em Artes Visuais do IA. Cada um deles teve a liberdade na sua forma de expressão, tema e técnicas de produção.

A vernissage da mostra foi realizada na noite de 17 de agosto, com a presença de todos os artistas participantes, familiares, professores e colegas. “A exposição é o resultado de um ano de trabalho intenso de apropriação do barro como suporte para a arte desses jovens”, salientou a professora da disciplina e curadora da mostra Lalada Dalglish. “E as diferentes obras apresentadas revelam um amadurecimento que eles têm ao longo da graduação.”

Para o professor Agnus Valente, chefe do Departamento de Artes Plásticas do IA, a mostra é uma grande oportunidade para os alunos exibirem seus trabalhos e poderem se colocar diante da crítica do outro, sendo também uma oportunidade de concretização dos diferentes referenciais recebidos durante a formação acadêmica.

Além das obras expostas, os alunos também foram responsáveis pela montagem da exposição, fotografias e confecção do catálogo (*veja aqui*: <http://goo.gl/KaSvFi>), e também pela organização da vernissage, com seus comes e bebes e uma intervenção performática (*veja o box*).

A estudante Marta Nicholson foi assistente de curadoria, junto a Carla Hirano. Elas organizaram o espaço da exposição, onde cada





© Fotos: Daniel Paitre



artista ganhou uma área na sala branca. “Queríamos que cada obra, ou conjunto, estivesse em destaque. Mas que o espaço pudesse contar uma história, indo da figuração à abstração”, explicou Marta.

Ela expôs a escultura “Enraizar”. Uma obra de 210 x 210 cm, formada por diversas peças unidas ou suspensas que formam uma árvore colocada no saguão de entrada da galeria. Segundo a artista, o trabalho só foi possível após um longo estudo em miniaturas e de cálculos feitos com apoio da professora Lalada e da técnica do laboratório de Cerâmica Vera Cozzani. “Foi um grande aprendizado de todo o processo cerâmico. Precisamos estudar e definir a forma de cada peça, seus encaixes e a queima”, reforçou Marta. UC



Mostra foi uma grande oportunidade para os alunos exibirem seus trabalhos

#### A ÁRVORE EM METÁFORA

Para a abertura da exposição, o estudante Phabulo Mendes organizou e dirigiu a intervenção performática

“A árvore”. Ao interagir com a obra “Enraizar”, a dançarina e atriz Fernanda Otaviano movimentava-se, dançava tal quais as reações da natureza diante das estações do ano.

Os movimentos de Fernanda davam a tridimensionalidade para a canção “Rebento”, de Gilberto Gil, interpretada por Elis Regina, segunda faixa do álbum *Elis*, de 1980. “A árvore e suas mudanças ao longo das estações são uma metáfora das nossas atitudes, ações e reações perante a vida”, refletiu Mendes.



# Trajетórias de vida de adolescentes com envolvimento no tráfico

**PESQUISA  
DESENVOLVIDA  
NA UNESP  
ESTUDA 565  
JOVENS ENTRE  
12 E 20 ANOS**

**A**lex Sandro Gomes Pessoa defendeu, na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp em Presidente Prudente, a tese de doutorado em Educação *Trajетórias negligenciadas: processos de resiliência em adolescentes com histórico de envolvimento no tráfico de drogas*.

A pesquisa foi realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT e esteve vinculada à linha de pesquisa intitulada Processos Formativos, diferença e valores. O objetivo central desse estudo foi analisar as trajetórias de vida de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas a partir do desvelamento de seus contextos de desenvolvimento, bem como compreender processos que estão associados à resiliência.

Participaram desse estudo 565 adolescentes,

entre 12 e 20 anos de idade, de ambos os sexos (56,3% do sexo masculino) e que recebiam atendimentos em quatro contextos institucionais que oferecem serviços diversificados. Por intermédio de alguns critérios de inclusão estabelecidos previamente, um grupo de adolescentes com envolvimento no tráfico de drogas foi formado e possibilitou que análises quantitativas e qualitativas fossem realizadas, em alinhamento com a abordagem mixed-methodstudies.

Desse modo, foram aplicados dois instrumentos quantitativos: 1) IRPPAR (Indicadores de Proteção na Adolescência Associados à Resiliência), com o objetivo de averiguar os contextos de proteção; 2) CYRM (Child and Youth Resilience Measure), que trouxe indicativos de processos de resiliência nas





Comissão Examinadora  
Orientadora: Profª Drª  
Renata Maria Coimbra  
Banca: Profª Drª  
Débora Dalboso  
Dell'Aglio (UFRGS);  
Profª Drª Maria Ângela  
Mattar Yunes (FURG);  
Profª Drª Sílvia Helena  
Koller (UFRGS); Profª  
Drª Maria de Fátima  
Salum Moreira (Unesp)

Contato do autor:  
<alexpeessoa2@gmail.  
com>.

© Agência Brasil

populações estudadas. Após a realização de procedimentos estatísticos, um grupo de adolescentes com alto nível de envolvimento no tráfico e com indicadores positivos de resiliência foi formado, permitindo que entrevistas semiestruturadas fossem conduzidas.

Os resultados apontam que o contexto de vida dos adolescentes do tráfico é marcado por várias formas de privação de direitos e que diversas instituições não ocupam um lugar protetivo em suas vidas. Paradoxalmente, os adolescentes com maior envolvimento no tráfico também apresentam os maiores indicadores de resiliência.

A pesquisa também revela quais são as atividades relacionadas ao tráfico que esses adolescentes valorizam e problematiza como

essas situações podem estar associadas aos processos de resiliência nesse grupo. A tese questiona padrões hegemônicos de resiliência, que arbitrariamente definem o que representa bem-estar e saúde, e propõe que alguns

### A VIDA DOS ADOLESCENTES DO TRÁFICO É MARCADA POR VÁRIAS FORMAS DE PRIVAÇÃO DE DIREITOS

conceitos sejam revisitados. A ausência de suporte social e estratégias convencionais de fortalecimento pode implicar na necessidade de adolescentes buscarem formas alternativas de desenvolvimento, incluindo atividades consideradas ilícitas. <sup>UC</sup>



# Festival de Pipas reúne mais de 6 mil participantes

EVENTO É UMA PARCERIA ENTRE A UNESP DE PRESIDENTE PRUDENTE E O JORNAL O IMPARCIAL

Como já é tradição em Presidente Prudente, a Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Unesp – Câmpus de Presidente Prudente/SP – realizou, em parceria com o jornal *O Imparcial*, o 30.º Festival de Pipas “Raul Albieri”, que reuniu mais de seis mil participantes. O número de inscritos com pipas também surpreendeu: mais de trezentos, superando todas as marcas anteriores. Com foco especial na média ou pequena família, representada pelo casal e filhos menores, que de acordo com nossas observações foram os que mais se empolgaram com a realização desse evento no campo de futebol da FCT/Unesp, os promotores do Festival, parceiros e colaboradores ficaram satisfeitos com os resultados alcançados. “Cinema” foi o tema central, e a pipa que homenageou o patrono Albieri foi classificada como “Destaque” do Festival.

Na classe temática, a vencedora foi a pipa que simbolizou o *Titanic*, sendo mostrada durante toda a competição pela jovem Mariana Sahl. Ela e o pai, Sr. Paulo Pires, vêm participando dos festivais há muito tempo; e quando foi escolhido o tema – *Cinema* – para o 30.º Festival, os dois tiveram a mesma ideia: usar a imagem no formato *Titanic*, o que foi

feito com pleno êxito. O segundo colocado no Festival foi Otávio Andreas dos Santos, que apresentou uma pipa que reproduziu a figura característica de *Mazzaropi*, um dos nomes mais consagrados da história do cinema brasileiro. Já o terceiro lugar foi conferido ao prudentino Aparecido Rogério, que estampou antigas fotos das empresas exibidoras de filmes que existiram no passado em Presidente Prudente.

Da categoria maior, o vencedor foi Luiz Koishi, que trouxe para o Festival a imagem similar de *Darth Vader*, estrela principal do filme *Star Wars*, cuja confecção envolveu não só o ganhador dessa categoria, mas também outros cooperadores. Entre eles, o amigo Daniel Ramirez e o irmão Mateus Takami. A montagem da pipa de 102 metros (que foi a maior deste ano) exigiu uma semana de trabalho. O segundo lugar ficou para a pipa de 25 metros no formato de uma *Película p.b.*; e o terceiro posto foi para uma pipa de 12 metros de cor vermelha, mostrando vários heróis revelados pelo cinema. A pipa mais criativa, entretanto, veio da capital do Estado trazida por Ricardo Dospir, que mostrou a imagem no formato de um *Palhaço*.

O privilégio de subir ao palanque para receber a ovação popular e a premiação ofereci-





© Divulgação

da pelos patrocinadores do Festival de Pipas não foi apenas daqueles que tiveram melhor desempenho. Mas também de categorias diferenciadas, como foi o caso de Jenifer Lopes de Santana, com o desenho dos *Minions*, como segunda colocada. O terceiro posto ficou para Mônica Carvalho Silva, com a pipa no formato de *Frozen*. Um detalhe que chamou a atenção do público foi representado pelo gesto demonstrado pelo participante que trouxe para a competição a pipa mais criativa: Ricardo Dospir. Generosamente, ele subiu ao pódio e se dispôs a doar a entidades sociais todos os prêmios que lhe foram atribuídos.

### Espetáculo de interação da família

A festa comemorativa ao 30.º Festival de Pipas “Raul Albieri” teve como apresentador o consagrado radialista Luciano Reis. O evento foi prestigiado por autoridades, participantes e convidados, dentre os quais os deputados estaduais Edd Thomas e Mauro Bragato, secretários municipais e o vice-diretor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Prof. Dr. José Carlos Silva Camargo Filho. Também presente e dando integral apoio, o filho do patrono do Festival, João Carlos Albieri.

Na etapa final, foram proclamados os resultados com base no veredito da Comissão Julgadora e chamados ao pódio os principais vencedores de cada categoria: Maior, Criativo, Temático (cinema) e Destaque Especial do Festival de Pipas para o ato de premiação.

O diretor administrativo do jornal *O Imparcial*, Deodato da Silva, afirmou que o destaque foi atribuído ao público presente, já que uma série de eventos ocorria simultaneamente. Ele considerou o saldo como “extremamente positivo”, com recorde de inscrições. Nos anos anteriores, esse público foi menor. Mas tudo correu com muita ordem e segurança, dentro do que foi planejado em termos de organização e estrutura. “Todos os nossos parceiros ficaram felizes e impressionados; e já sinalizaram com o pensamento voltado para a promoção do ano que vem.”

O vice-diretor da FCT/Unesp, Prof. Dr. José Carlos Silva Camargo Fº, elogiou a cobertura do Festival como determinante para o êxito alcançado. O mais importante, porém – disse –, foi a grande participação das famílias, onde pudemos ver inúmeras crianças ao lado de seus pais, assistindo ou participando diretamente desse maravilhoso espetáculo. 

**Evento é uma parceria entre a Unesp de Presidente Prudente e o jornal O Imparcial**

**Altino Correia**  
– Assessoria de Comunicação e Imprensa – FCT/Unesp



# A representação do crime coletivo na imprensa

**PESQUISA É DESENVOLVIDA A PARTIR DE ACERVO DA EDITORA ABRIL DOADO À UNESP**

A pesquisa “A representação do crime coletivo na imprensa: O linchamento de Augusto Lopes da Silva”, de Aline de Jesus Nascimento, aluna do curso de História da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, sob orientação da professora Tania Regina de Luca, surgiu a partir do estudo de um grande conjunto de recortes de jornais, reunidos ao longo de décadas pela Editora Abril, doado para o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), pertencente à FCL, em dezembro de 2011.

**PESQUISA FOCOU AS NOTÍCIAS QUE DÃO CONTA DE CRIMES DE LINCHAMENTO, OCORRIDOS ENTRE OS ANOS DE 1970 E 1997**

A pesquisa foi apresentada dentro das XXII Jornadas de Jovens Pesquisadores da AUGM – Associação de Universidades do Grupo de Montevidéu, realizadas de 29 de setembro a 1 de outubro em 2014 em Valparaíso, Chile, sob o tema “Pensamento, Pesquisa Científica e Inovação como Desafios para as Sociedades da América Latina”.

A pesquisa de Aline focou as notícias que dão conta de crimes de linchamento, ocorridos entre os anos de 1970 e 1997, especificamente a notícia proveniente da revista semanal *O Cruzeiro*, publicada em 2 de fevereiro de 1970, que relata o destino de um morador de uma das regiões mais pobres e violentas do Estado do Rio de Janeiro, Cabuçu, onde

Augusto Lopes da Silva, amarrado a um poste, foi espancado e morto pelos residentes do bairro de Jardim Iguaçu.

Na notícia de 2 de fevereiro de 1970, das quatro páginas de *O Cruzeiro*, uma é dedicada, quase que exclusivamente, a uma foto: a cena do crime, que prende a atenção do leitor, pois não há como ficar indiferente à força da imagem, que instiga a curiosidade. Durante a reportagem, mais imagens complementam a notícia, um recurso que dinamizava a leitura e expunha a violência de forma explícita.

Sucintamente, o texto resumia o episódio, ocorrido no mês anterior (19 de janeiro). Augusto Lopes da Silva, um pernambucano de 64 anos, morava há mais de uma década no bairro de Cabuçu e trabalhava como vendedor de verduras. Ele foi espancado até a morte pelos habitantes do bairro Jardim Iguaçu, localizado no Morro do Agudo, no município de Nova Iguaçu. As razões remontavam a disputas anteriores, uma vez que Augusto teria sido preso pela polícia de Cabuçu por ter ameaçado tirar sua roupa em público, com sinais, conforme a notícia, de debilidade mental.

Acabou enviado para a delegacia de Nova Iguaçu, para poder ser encaminhado a um hospital psiquiátrico. Todavia lá não permaneceu por falta de documentos. Ele retornou à delegacia e, como não apresentasse nenhuma anormalidade aparente em seu comportamento, os policiais se descuidaram dele, o que ocasionou a escapatória, que não gerou nenhuma ação dos policiais, acostumados à rotina de fugas. Todo esse contexto já bem evidencia o abandono do







### COLEÇÃO “CLIPPING DA EDITORA ABRIL” MATERIAL DÁ ACESSO A NOTÍCIAS DE INTELLECTUAIS ENTRE AS DÉCADAS DE 1950 E 90

A pesquisa de Aline de Jesus Nascimento só foi possível graças à coleção Clipping da Editora Abril, doada para o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP).

Por enquanto, está disponível no endereço <<http://goo.gl/ljBdc3>> o material da primeira letra do alfabeto do catálogo de ‘Personalidades: Os Intelectuais’ dessa coleção. Trata-se da primeira etapa de um projeto de um ano de intenso trabalho de equipe do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap) da Unesp em Assis, sob orientação da professora Tania Regina de Luca.

A jornada começou, de fato, no final de 2011, quando o Cedap recebeu, sob a forma de doação, o acervo intitulado Clipping da Editora Abril, composto por 800 caixas, contendo recortes de jornais e revistas do país e do exterior, originalmente ordenados nas rubricas Empresas, Personalidades e Assuntos, cada uma das quais subdivididas em pastas que guardam recortes, arquivados em ordem cronológica crescente de meados da década de 1950 até o final da de 1990.

A criação do Clipping, sob a supervisão do Departamento de Documentação da Editora Abril (Dedoc), justificava-se pela necessidade de compor um arquivo próprio, capaz de subsidiar os vários impressos produzidos pelo grupo, razão pela qual deveriam fornecer um quadro do que se passava no país e no mundo. O material provém, sobretudo, dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Correio Braziliense*, *Jornal do Brasil*, *Jornal da Tarde*, *Le Monde*, *L'Express* e *La Repubblica*.

Inicialmente o acervo passou pelas fases de higienização, organização interna e foi disponibilizado para consulta, mas ainda não contava com catálogos e inventários. Por isso, em abril de 2014, iniciou-se projeto com esse objetivo com apoio da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Unesp e participação de alunos bolsistas e voluntários, todos do curso de graduação em História.

O projeto iniciou-se pelo módulo Personalidades, que reúne indivíduos que atuavam nas mais diferen-

tes áreas. Na primeira fase, foram analisados nomes relacionados ao mundo da cultura, respeitando-se a ordem alfabética dos sobrenomes, o que permite, para cada letra, ir compondo quadros-resumo em termos de gênero e área específica de atuação, aspectos que ajudam a compreender as escolhas realizadas pelos responsáveis pela produção do acervo.

Assim, para a primeira letra do alfabeto, há 209 pastas, mas 206 indivíduos, tendo em vista a repetição de entradas. Desse total foram selecionados 136, ou seja, 66% do total, sendo 115 homens e 21 mulheres.

Para compor a catalogação, disponibilizada na página do Cedap, optou-se por elaborar duas fichas: uma relativa ao conteúdo de cada pasta e outra que visa identificar o seu titular. Na primeira são descritos os documentos presentes em cada pasta, especificando-se título da matéria, autor, fonte e data, com a devida anotação no caso de um ou de vários desses dados não terem sido preservados. Esta ordenação fornece indícios da importância atribuída à personagem, setor de atuação, as fontes escolhidas e os limites temporais.

Há ainda uma ficha de identificação, que contém informações básicas sobre o indivíduo (nascimento, falecimento e pequena biografia, com destaque para sua atuação profissional), descrição do conteúdo e breve análise do mesmo, além de se especificarem as palavras-chave, as temáticas abordadas nos recortes, a quantidade dos mesmos e as suas datas-limite, de modo a permitir que se aquilate a importância do lugar ocupado pela personagem no interior do acervo, ou seja, trata-se de precisar que aspectos foram selecionados para serem preservados.

A importância do conjunto pode ser verificada pelo uso de fragmentos dele nas publicações da empresa, como, por exemplo, a revista *Veja*. O material doado ao Cedap tinha, portanto, importância estratégica para a produção dessa e de outras revistas da Editora Abril.

O Cedap, com a atual iniciativa, que objetiva ser ampliada para as outras letras do alfabeto e para as rubricas Empresas e Assuntos do acervo, único no gênero, permite dar acesso às informações reunidas para pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Humanas. “O desafio é a produção de instrumentos de pesquisa que permitam descrevê-lo de forma sistemática”, conclui Tânia.



poder público para com Augusto.

Ao que consta, ele teria vagado à procura de sua casa, confuso entrou na casa de outra pessoa e o dono, com o auxílio de um parente, conseguiu dominá-lo e levá-lo para fora. Entretanto, ele insistia que ali era a sua residência e, impedido de entrar, teria tirado toda a sua roupa e começado a gritar. Frente à situação, os dois homens pediram o auxílio de uma terceira pessoa, um vigia de um mercado próximo e, para conter o idoso, pensaram ser a melhor solução espancá-lo.

Augusto gritava que não era ladrão, mas uma quarta pessoa apareceu para ajudar o senhor. Depois de algumas tentativas e uma grande confusão, Augusto conseguiu se soltar e um vizinho lhe deu uma calça. Todavia, acusaram Augusto de assalto e apareceram mais pessoas dispostas a puni-lo. Sem qualquer possibilidade de defesa, ele foi espancado e amarrado ereto a um poste, com uma corda grossa, passada fortemente pela região da barriga, para que não tivesse a possibilidade de se mexer.

A polícia conseguiu esclarecer o episódio e des-

cobrir os principais responsáveis pelo linchamento, entretanto, até o momento em que a matéria foi publicada nessa revista, os culpados não haviam sido punidos, o que aponta para a leniência das autoridades, bem como para as dificuldades de responsabilização de crimes coletivos.

Este infeliz desfecho para o caso de Augusto foi comentado, durante anos, na imprensa como exemplo de primeiro linchamento ocorrido no Brasil. Esse tipo de crime ocorreu, até o ano de 1987, nos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro; depois desta data, ganha destaque a Bahia. Essas áreas, até a atualidade, ainda são responsáveis por elevados índices de violência.

Aline conclui que, a partir do fato analisado, pode-se tentar compreender a violência no Brasil durante o século XX a partir de uma perspectiva da micro-história, ou seja, buscar-se-ia entender essa realidade histórica, com uma visão mais específica e microscópica, com uma metodologia analítica que implicaria em reduzir a escala de observação, num estudo intensivo das fontes. uc



**SEMDIPLOMACIA**  
UM MUNDO DE EQUILÍBRIOS PRECÁRIOS  
Organizado por Luis Fernando Ayerbe



**Sem diplomacia – Um mundo de equilíbrios precários, Luis Fernando Ayerbe (org. principal), Editora Unesp, 286 p. Disponível gratuitamente em: <<http://goo.gl/Fu1Scl>>.**

# Livro aborda instabilidade mundial

OBRA CONTRIBUI PARA ANÁLISE DA CONJUNTURA INTERNACIONAL

A Cultura Acadêmica, braço editorial da Editora Unesp, lançou o e-book *Sem diplomacia: Um mundo de equilíbrios precários*. A publicação é organizada por Luis Fernando Ayerbe, professor da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Câmpus de Araraquara, e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, oferecido em conjunto por Unesp, Unicamp e PUC-SP.

Tomando como base a temática central da publicação, o artigo “Um mundo de equilíbrios precários”, escrito por Ayerbe, analisa eventos e posicionamentos de atores de diferentes espectros políticos e ideológicos, que evidenciam preocupações de crescente destaque nos debates sobre as relações internacionais: a “ordem”, a “desordem”, e o lugar dos Estados Unidos no mundo.

Os três textos seguintes tratam do posicionamento da América do Norte frente aos seus interlocutores. Em “Conservadorismo nos EUA, um conceito fora de lugar?”, Ariel

Finguerut discute a trajetória conservadora daquele país a partir da segunda metade do século XX. No texto “Os libertários”, Finguerut e Marco Aurélio Dias de Souza abordam as principais ideias, formas de mobilização e impacto desse movimento conservador, apresentando o contexto histórico e ideológico da sua emergência nos EUA.

Em “Da primavera ao outono: as narrativas discursivas da *The National Interest* sobre as crises na Ucrânia e na região entre a Síria e o Iraque (2013-2014)”, Roberto Moll fala do debate sobre o posicionamento do governo Obama em relação às duas crises, tomando como referência o polo conservador, especificamente o site <[nationalinterest.org](http://nationalinterest.org)>. A análise busca responder a questões que contribuem para esclarecer aspectos relevantes sobre as políticas interna e externa do país.

Em “A esquerda latino-americana no poder: principais embates e debates do biênio 2013-2014 e análise do caso venezuelano”, Caroli-



© Dollar Photo

na Silva Pedroso acompanha as eleições presidenciais de Equador, Venezuela, Paraguai, Honduras, Chile, El Salvador, Costa Rica, Panamá, Colômbia, Bolívia, Brasil e Uruguai a partir de um recorte metodológico baseado em fontes que se apresentam como parte da esquerda e/ou do progressismo.

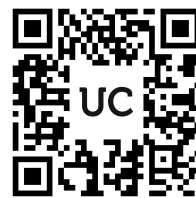
“Democracia e polarização na Argentina kirchnerista”, de autoria de Matheus de Oliveira Pereira, traça um panorama das disputas políticas no período de doze anos de governos de Néstor e Cristina Kirchner. O foco do texto está na oposição àqueles governos, vocalizada pelos órgãos de imprensa argentinos e portais de Internet. Em “Polarização política e política externa nas eleições brasileiras de 2014”, Sara Basilio de Toledo e Lucas Mesquita analisam os constantes embates entre o PT e o PSDB.

O economista Adalton Oliveira, autor de “Obsessiva desigualdade”, parte do debate entre conservadores e progressistas a respeito do significado filosófico e econômico da desigualdade,

para analisá-la pelo ângulo da política. O autor mostra uma tendência de aumento da desigualdade nos EUA e de queda na América Latina.

A obra resulta do acompanhamento da conjuntura internacional realizado desde 2013 por pesquisadores em Relações Internacionais, responsáveis pelos conteúdos do projeto Sem Diplomacia, parceria entre o Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI) e a Assessoria de Comunicação e Imprensa da Reitoria da Unesp (ACI). O IEEI está vinculado ao Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI), também da Unesp.

O foco da parceria é justamente o tema do último artigo do livro, intitulado “Rumo aos futuros mais próximo e distante”. Os autores Oscar D’Ambrosio, Daniel Patire e Cínthia Leone avaliam o esforço do *Sem Diplomacia*, analisando o conteúdo dos programas *Em Debate* veiculados até o momento, cujas pautas cruzam temas diretamente vinculados às linhas de pesquisa do projeto. 



**Sobre o organizador**  
Luis Fernando Ayerbe é professor-titular da Unesp, atuando no Departamento de Economia do Câmpus de Araraquara e no Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais de Unesp, Unicamp e PUC/SP, além de coordenar o Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI-Unesp).



**PERCIVAL TIRAPELI EM RETROSPECTIVA**

Na Galeria de Arte do Instituto de Artes, Câmpus de São Paulo, o professor, pesquisador e artista plástico Percival Tirapeli apresentou, entre junho e julho últimos, uma retrospectiva dos 40 anos de sua carreira como pintor, escultor, escritor, gravurista, entre tantas outras atividades artísticas. Mais de 80 obras se espalharam da galeria até o quarto andar do Instituto.

De acordo com Tirapeli, que completa, em 2015, 28 anos de docência na Unesp, a exposição teve uma ordem cronológica da sua vida de artista, contando com obras da primeira exposição em 1968, em Aparecida (SP), passando para a Escola Contemporânea de Artes, em 1972, e todos os experimentos com xerox, em 1973, e outras exposições no MAC (Museu da Arte Contemporânea) da USP. Ele destacou a importância das peças da instalação feita para uma sala na Bienal de Artes de São Paulo de 1977. Já nos anos 1980, Tirapeli explorou a pintura de figuração, com temas da mitologia grega.









© Arquivo ACU/Reitoria Unesp



Vanderlan da S. Bolzani é professora titular do Instituto de Química da Unesp de Araraquara e diretora da Agência Unesp de Inovação.

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 30 de setembro de 2015.

# A inovação na Universidade

A avaliação de desempenho profissional e institucional é cada vez mais importante para todos que atuam no sistema superior de ensino do país. Não preciso de qualquer argumento científico para afirmar que a avaliação de desempenho institucional e profissional é uma empreitada ambiciosa não apenas pela intrínseca complexidade do que significa aferir excelência e mérito, mas principalmente pelo fato da dificuldade inerente aos indicadores de análise para a espécie humana.

É um assunto bastante vasto e extremamente intrincado porque uma caracterização justa, pela busca incessante de maximização de desempenho das pessoas dentro de contextos muito distintos é muito discutida, não obstante os avanços metodológicos disponíveis.

A avaliação das universidades brasileiras não é uma novidade, mas só ganhou força na década de 1990, quando foi instituído o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (PAIUB), implantado devido à necessidade de uma avaliação constante do sistema de ensino e pesquisa que abrangesse outros indicadores de avaliação ao processo, na tentativa de validar os esforços empenhados no sistema de ensino superior ainda tão heterogêneo no país. Hoje, o processo de avaliação adquiriu novos contornos e vem sendo feito pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), instituído pela Lei 10.861, de 14 de abril de 2004.

Os rankings de avaliação, especialmente os internacionais, são hoje instrumentos indutores dos rumos das universidades das sociedades do conhecimento e do papel que representam num contexto global complexo e de incertezas. Isso ocorre especialmente nos países em desenvolvimento, onde educação, ciência, tecnologia e inovação são instrumentos valiosos de mudança em direção à sustentabilidade e soberania das nações que almejam um lugar no universo dos países centrais.

Uma leitura obrigatória sobre a importância da excelência universitária no processo de inovação das nações pode ser melhor entendida no livro de autoria do economista David S. Landes, da Universidade de Harvard, *The Wealth and Poverty of Nations – Why Some Are So Rich and Some Are So Poor*, de 1998, que, mesmo lançado há 17 anos, continua sendo uma leitura indispensável para acadêmicos e gestores universitários.

Quando pensamos especificamente em inovação, é necessário atuar em três frentes: a) gerenciamento de todas as atividades de proteção à propriedade industrial (patentes, desenhos industriais, marcas etc.) resultantes de pesquisas desenvolvidas na universidade; b) transferência de tecnologia e serviços científicos para outros setores; c) atividades de disseminação da cultura da inovação e empreendedorismo para docentes, pesquisadores e estudantes.

A inovação já é um critério de classificação importante em todos os rankings das destacadas “universidades de classe mundial”. Dessa forma, indicadores numéricos de avaliação vão muito além da quantidade e qualidade de publicações em periódicos indexados, mas também passam pelo número e qualidade de patentes depositadas no país e no exterior, e pela transferência de tecnologia.

Para se destacar na inovação da universidade, é preciso realizar um trabalho robusto para aproximação universidade/empresa e na disseminação de uma cultura de inovação e empreendedorismo entre os estudantes de graduação e de pós-graduação de todas as áreas do conhecimento. Ações como rodadas de negócios, olimpíadas, fóruns de empreendedorismo e cursos são ações essenciais para que as universidades brasileiras sejam incluídas nas ditas universidades de classe mundial, com Agências de Inovação internas fortes e consolidadas. [UC](#)

PALEOANTROPOLOGIA  
AO ALCANCE DE TODOS

# Darwin e a evolução

EXPLICADA AOS NOSSOS NETOS

Pascal Picq retoma a trajetória de Charles Darwin para explicar a ainda hoje mal compreendida teoria da evolução. Em linguagem didática, em forma de diálogo com um suposto estudante, ele desvenda a concepção darwinista da evolução pela seleção natural, discorre sobre os fundamentos do criacionismo e aponta a impropriedade da escala natural, que continua ilustrando até hoje manuais escolares em todo o planeta.

152 PÁGINAS | R\$ 28

O francês Pascal Picq é paleoantropólogo no Collège de France e estuda as origens da evolução do homem e dos grandes macacos.

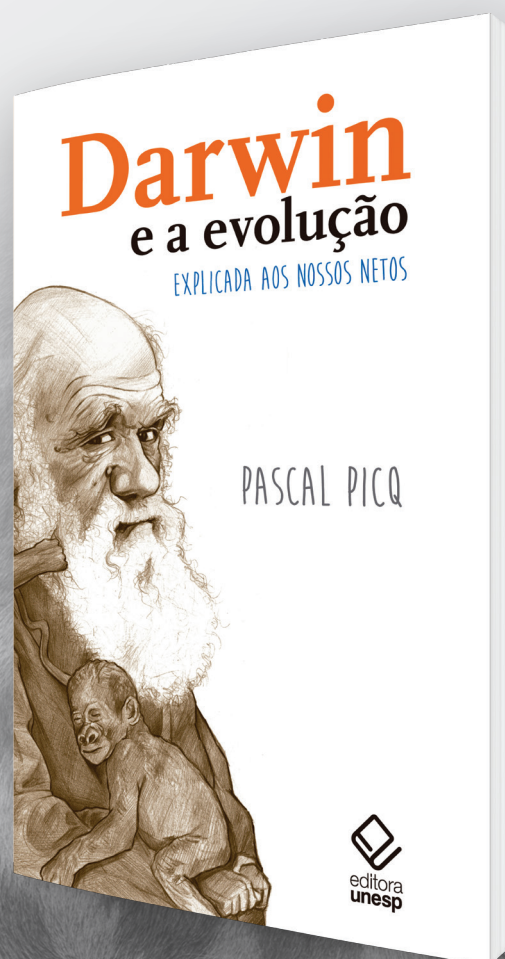
## CONHEÇA TAMBÉM



**As origens do  
homem explicadas  
para crianças**  
Pascal Picq

Em forma de diálogo com uma criança, em linguagem simples e acessível, este livro reconstitui a história da evolução como se desenrolasse uma linha do tempo. Trata-se de uma bela narrativa sobre a aventura do conhecimento.

**161 páginas | R\$ 36**



Produzir conteúdo,  
Compartilhar conhecimento.  
Editora Unesp, desde 1987  
[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

 **editora  
unesp**

 **editora  
unesp**



# Dicionário de Políticas Públicas

*"Uma ponte para articular as diferentes tradições de pesquisa, facilitar a formação de uma cultura e de uma linguagem comuns e valorizar o modo brasileiro de pensar e formular políticas públicas". Geraldo di Giovanni e Marco Aurélio Nogueira*



Com mais de mil páginas e quase 300 verbetes elaborados por 180 autores, este dicionário subsidia não apenas os gestores e especialistas na área, mas também a todos os interessados na análise dos problemas relacionados a políticas públicas e contribui para a consolidação da área no país.

Organizadores:

**Geraldo di Giovanni e  
Marco Aurélio Nogueira**

**1.065 páginas | R\$ 118**

Produzir conteúdo,  
Compartilhar conhecimento.  
Editora Unesp, desde 1987

[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

